


**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Luccas Ramos Bonassa

**O EMPREGO DE CAÇADORES EM REFORÇO AO PELOTÃO DE CAVALARIA
MECANIZADO NO ATAQUE EM OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS**

**Resende
2023**

	APÊNDICE II AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA E EXTENSÃO ACADÊMICAS NA AMAN TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL	AMAN 2023
---	---	----------------------

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO: O EMPREGO DE CAÇADORES EM REFORÇO AO PELOTÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NO ATAQUE EM OPERAÇÕES ÁREAS EDIFICADAS

AUTOR: LUCCAS RAMOS BONASSA

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo o Exército Brasileiro (EB) a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em periódico da Instituição ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da AMAN.

Resende, 21 de agosto de 2023



Assinatura do Cadete

Dados internacionais de catalogação na fonte

B699 BONASSA, Luccas Ramos

O emprego de caçadores em reforço ao pelotão de cavalaria mecanizado no ataque em operações em áreas edificadas / Luccas Ramos Bonassa – Resende; 2023. 55 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Diego Castilhos de Almeida

TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2023.

1. Caçador. 2. Pelotão de Cavalaria Mecanizado. 3. Ataque. 4. Áreas edificadas. I. Título.

CDD: 355

Ficha catalográfica elaborada por Mônica Izabele de Jesus CRB-7/7231

Luccas Ramos Bonassa

**O EMPREGO DE CAÇADORES EM REFORÇO AO PELOTÃO DE CAVALARIA
MECANIZADO NO ATAQUE EM OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador(a): Diego Castilhos de Almeida

Resende
2023

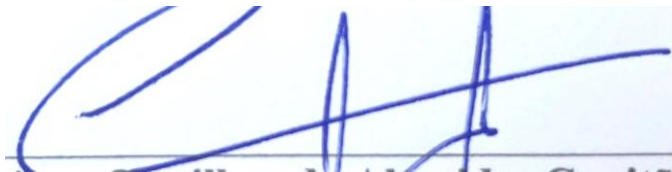
Luccas Ramos Bonassa

**O EMPREGO DE CAÇADORES EM REFORÇO AO PELOTÃO DE CAVALARIA
MECANIZADO NO ATAQUE EM OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 21 de agosto de 2023:

Banca examinadora:



Diego Castilhos de Almeida, Capitão
(Presidente/Orientador)



Jasson Alceu Santos da Costa, Capitão



Phelipe Menezes Maia , Capitão

AGRADECIMENTOS

Primordialmente, agradeço ao Patrão Celestial, por ter me concedido a oportunidade de ingressar na AMAN e, conseqüentemente, realizar um sonho. Agradeço a Ele por ter abençoado toda esta trajetória, não deixando-me esmorecer diante dos obstáculos vividos.

Agradeço com mesma intensidade à minha família, principalmente meus pais e padrasto, por terem tirado forças, tempo e recursos, quando nem mesmo haviam, para impulsionar-me na formação e na vida. Vocês são o principal motivo de eu ter alcançado este objetivo e, por isso, sou eternamente grato.

Agradeço aos meus irmãos de farda da Turma Centenário da Missão Militar Francesa no Brasil, em especial, aos irmão da Arma de Cavalaria, os quais fizeram-se presentes e camaradas nas situações mais adversas, fosse na lama ou no tapete vermelho.

Agradeço a todos os instrutores, exemplos de empenho, profissionalismo e liderança, os quais contribuíram sobremaneira na formação militar e foram modelos a serem seguidos. Por fim, agradeço igualmente ao meu orientador, pela dedicação e esforços empenhados neste trabalho, tendo em vista a notória devoção empregada, demonstrada nas correções assertivas e tempo dedicado.

RESUMO

O EMPREGO DE CAÇADORES EM REFORÇO AO PELOTÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NO ATAQUE EM OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS

AUTOR: Luccas Ramos Bonassa
ORIENTADOR(A): Diego Castilhos de Almeida

A utilização de atiradores de elite ganhou sua devida importância no cenário mundial com o desencadeamento da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, momento em que os exércitos começaram a desenvolver, em uma maior escala, doutrinas e formações referentes a esta especialidade. No Brasil, o surgimento de doutrinas sobre o assunto deu-se por meados dos anos 2000, quando iniciou o desenvolvimento de manuais e do Estágio de Caçador Militar, o qual consolidou-se nas últimas duas décadas. O emprego do Caçador no Brasil, apesar deste considerável tempo em vigência, ainda aparenta estar em transição e consolidação. Um exemplo disto está na recente inserção deste sistema d'armas em Organizações Militares de Cavalaria, especificamente nos Regimentos de Cavalaria Mecanizados. Por ter sido inserido há pouco nestas unidades, os manuais apresentam insuficiência de informações quanto às especificidades que o atirador de elite poderia apresentar quando apoiando tropas mecanizadas. Alinhado a isto, sabe-se que a constante urbanização global, naturalmente, foi responsável pelo surgimento de grandes centros urbanos, levando a maioria dos combates atuais a serem travados em áreas edificadas ou ambiente urbanos. Frente à ascendente presença de combates urbanos e à ausência de informações, especificamente sobre o emprego e as possibilidades de um Caçador quando em reforço a um Pel C Mec realizando um ataque em área edificada, torna-se relevante a realização de um estudo acerca do tema, a fim de dirimir as lacunas doutrinárias. O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar as possibilidades do Caçador Militar em Reforço ao Pelotão de Cavalaria Mecanizado no Ataque em Operações em Áreas Edificadas, tendo como propósito propor procedimentos inexistentes no Manual de Campanha EB70-CI-11.457 - Pelotão de Cavalaria Mecanizado. Visando alcançar este objetivo, a metodologia adotada nesta pesquisa foi a hipotética-dedutiva, justificando-se no fato de não existir doutrina específica nacional sobre o assunto e de que, caso fossem utilizados os procedimentos resultantes, estes deveriam ser testados e comprovados. Outrossim, a pesquisa caracteriza-se por ser exploratória e qualitativa, ao passo que o tipo da pesquisa enquadra-se em bibliográfica e documental, sendo complementada por uma entrevista como instrumento de coleta de dados. Diante da análise destas fontes, concluiu-se que a identificação de IEDs, o transporte de armamento antipessoal e antimaterial, a condução e correção de disparos dos Canhões 90 mm e Morteiro 81 mm, o adequado emprego da Seção de Caçadores em relação à atuação embarcados ou desembarcados e, por fim, a necessária coordenação e integração destes itens em questões de planejamento, preparo e execução, são possíveis e recomendadas capacidades quando busca-se especificidades que a Seção de Caçadores deve possuir ao reforçar o Pelotão de Cavalaria Mecanizado em um Ataque à área edificada.

Palavras-chave: Caçador. Pelotão de Cavalaria Mecanizado. Ataque. Áreas edificadas.

ABSTRACT

THE EMPLOYMENT OF SNIPERS IN REINFORCEMENT OF THE MECHANIZED CAVALRY PLATOON IN THE ATTACK IN OPERATIONS IN BUILT-UP AREAS

AUTHOR: Luccas Ramos Bonassa
ADVISOR: Diego Castilhos de Almeida

The use of snipers gained its due importance on the world stage with the outbreak of the First and Second World War, when armies began to develop, on a larger scale, doctrines and training related to this specialty. In Brazil, the arising of doctrines on the subject took place in the mid-2000s, when the development of manuals and the Sniper Internship began, which was consolidated in the last two decades. The use of the Sniper in Brazil, despite this considerable time in force, still appears to be in transition and consolidation. An example of this is the recent insertion of this weapon system in Military Cavalry Organizations, specifically in the Mechanized Cavalry Regiments. As it was recently inserted in these units, the manuals present a lack of information regarding the specificities that the sniper could present when supporting mechanized troops. In line with this, it is known that the constant global urbanization, naturally, was responsible for the appearing of large urban centers, leading most of the current battles to be fought in built areas or urban environments. Faced with the increasing presence of urban combats and the lack of information, specifically on the employment and possibilities of a Sniper when reinforcing a Mechanized Cavalry Platoon carrying out an attack in a built-up area, it becomes relevant to carry out a study about the theme, in order to solve the doctrinal gaps. The objective of this work, therefore, is to analyze the possibilities of the Sniper in Reinforcement of the Mechanized Cavalry Platoon in the Attack in Operations in Built-up Areas, with the purpose of proposing non-existent procedures in the Field Manual EB70-CI-11.457 - Mechanized Cavalry Platoon. In order to achieve this objective, the methodology adopted in this research was hypothetical-deductive, justifying itself in the fact that there is no specific national doctrine on the subject and that, if the resulting procedures were used, they should be tested and proven. Furthermore, the research is characterized by being exploratory and qualitative, while the type of research fits into bibliographical and documental, being complemented by an interview as a data collection instrument. In view of the analysis of these sources, it was concluded that the identification of IEDs, the transport of anti-personnel and anti-material weapons, the conduction and correction of shots from the 90 mm Cannons and 81 mm Mortar, the adequate use of the Section of Snipers in relation to the performance embarked or disembarked and, finally, the necessary coordination and integration of these items in matters of planning, preparation and execution, are possible and recommended capabilities when looking for specificities that the Section of Sniper must have when reinforcing the Mechanized Cavalry Platoon in an Attack to the built-up area.

Keywords: Sniper. Mechanized Cavalry Platoon. Attack. Built-up areas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caçador em Área Edificada	17
Figura 2 – Fuzil .308 AGLC.....	23
Figura 3 – Fuzil Antimaterial Barret M82A1.50 (12,7x99 mm).....	24
Figura 4 – Organograma do Pelotão de Cavalaria Mecanizado	28
Figura 5 – QC e QDM do Pel C Mec (Parte 1)	30
Figura 6 – QC e QDM do Pel C Mec (Parte 2)	30
Figura 7 – As três dimensões do combate em uma área edificada	31
Figura 8 – Segurança aproximada dos fuzileiros desembarcados às VB	34
Figura 9 – Comparação de cartuchos	40
Figura 10 - Exemplo de correção de fogos pelo Caçador.....	42

LISTA DE ABERVIATURAS E SIGLAS

AC	Anticarro
AGLC	Athos Gabriel Lacerda de Carvalho
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
CC	Carros de Combate
Cçd	Caçador
Cmt Pel	Comandante de Pelotão
EB	Exército Brasileiro
Elm Ass	Elemento de Assalto
Esqd C Mec	Esquadrão de Cavalaria Mecanizado
EUA	Estados Unidos da América
Fuz	Fuzileiro
GC	Grupo de Combate
GE	Grupo de Exploradores
Gp Cmndo	Grupo de Comando
Gp S-3	Grupo da 3ª Seção
IED	Improvised Explosive Device
IMBEL	Indústria de Matéria Bélica do Brasil
mm	Milímetros
Mtr	Metralhadora
OA	Observador Avançado
Op Cmpl	Operações Complementares
Pç Ap	Peça de Apoio
Pel	Pelotão
Pel C Mec	Pelotão de Cavalaria Mecanizado
Pel Cmndo	Pelotão de Comando
PFT	Posição Final de Tiro
QC	Quadro de Cargos
QDM	Quadro de Dotação de Material
QE/QO	Quadro de Efetivos do Quadro de Organização
R C Mec	Regimento de Cavalaria Mecanizado
Rec	Reconhecimento
RIPI	Região de Interesse para a Inteligência
S-3	Oficial de Operações
Seç Cçd	Seção de Caçadores
Seç VBR	Seção de Viaturas Blindadas de Reconhecimento
Seg	Segurança
SEGAR	Segurança de Área de Retaguarda
Sgt	Sargento
SU	Subunidade
TTP	Técnicas, Táticas e Procedimentos
VA	Via de Acesso
VB	Viatura Blindada
VBC Cav	Viatura Blindada de Combate de Cavalaria
VBMT-Rec LSR	Viatura Blindada Multitarefa Leve Sobre Rodas
VBTP	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal
VTL	Viatura Tática Leve
Vtr	Viatura
Win	Winchester
Z Aç	Zona de Ação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS	16
1.1.1	Objetivo Geral	16
1.1.2	Objetivos específicos	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1	O CAÇADOR.....	17
2.1.1	O Caçador no Regimento de Cavalaria Mecanizado	18
2.1.2	O emprego do Caçador	19
2.1.3	O Caçador no combate em localidade	20
2.1.4	Armamento do Caçador	22
2.2	O PELOTÃO DE CAVALARIA MECANIZADO	25
2.2.1	Características, Possibilidades, Limitações e Organização	25
2.2.1.1	Características.....	25
2.2.1.2	Possibilidades	26
2.2.1.3	Limitações	27
2.2.1.4	Organização	27
2.3	OPERAÇÃO EM ÁREA EDIFICADA	31
2.3.1	O Pel C Mec no Ataque a uma Área Edificada	32
2.3.1.1	Emprego das Viaturas Blindadas do Pel C Mec no Ataque a uma Área Edificada	32
2.3.1.2	O Ataque a uma Área Edificada	35
2.3.1.3	Fases do Ataque	35
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO	36
3.1	TIPO DE PESQUISA	36
3.2	MÉTODO DA PESQUISA	36
3.3	ETAPAS DA PESQUISA	37
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	39
4.1	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	39
4.1.1	Armamento	39
4.1.2	Condução de Fogos	41
4.1.3	Identificação de IEDs	43
4.1.4	Embarcado x Desembarcado	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	52

APÊNDICE A - ENTREVISTA	55
--------------------------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento de novas tecnologias e os aprendizados adquiridos nas guerras históricas, principalmente após a Guerra de Independência dos Estados Unidos, percebeu-se que não mais havia sentido no combate extremamente aproximado e dos uniformes com colorações fortes e de fácil detecção. A partir deste pensamento, a doutrina dos exércitos evoluiu e disto surgiram novas técnicas, táticas e procedimentos no combate, outrossim, destacou-se a importância do atirador de elite militar, conhecido, no Brasil, como Caçador.

Um exemplo desta evolução de pensamento torna-se nítido ao analisar-se a Batalha de Gettysburg, conflito ocorrido na Pensilvânia em 1863, no contexto da Guerra Civil Americana. Conforme Francis Lord, autor de *Civil War Collector's Encyclopedia*¹, foram recuperados 27.574 rifles desta batalha, contudo, aproximadamente 90% destes armamentos estavam ainda carregados, ou seja, não foram realizados disparos. Paddy Griffith, autor de *Battle Tactics of the Civil War*², argumenta que a ocorrência deste fato surgiu da incapacidade de muitos soldados, face ao medo e pânico de estarem na linha de frente, de recarregar adequadamente os fuzis em condições de batalha e de não terem tempo de reação ao combate, visto que eram mortos prematuramente devido à proximidade das forças oponentes. Reforçava-se, assim, a ideia de um combatente que pudesse atirar de distâncias maiores, utilizando-se de cobertas e abrigos e usufruindo de alta precisão.

Juntamente a este progresso técnico de procedimentos e material, inerente às exigências dos conflitos, torna-se oportuno referenciar a Arma de Cavalaria, a qual também teve diversas evoluções, a exemplo do abandono da utilização de cavalos em combate e a progressiva utilização de blindados. No Exército Brasileiro, a Cavalaria é uma arma base, sendo geralmente seu emprego à frente das demais tropas, buscando informações sobre o inimigo e o território de operações. Um dos ramos desta arma no Brasil é a Cavalaria Mecanizada, a qual possui como elemento base para a manobra o Pelotão de Cavalaria Mecanizado (Pel C Mec), orgânico de um Regimento de Cavalaria Mecanizado (R C Mec) e um dos pilares deste trabalho.

A Cavalaria Mecanizada é representada pela Brigada de Cavalaria Mecanizada (Bda C Mec), pelos Regimentos de Cavalaria Mecanizados (RC Mec) e pelos Esquadrões de Cavalaria Mecanizados (Esqd C Mec). Ela cumpre missões que

¹ Enciclopédia de Colecionador da Guerra Civil, em tradução do autor.

² Táticas de Batalha da Guerra Civil, em tradução do autor.

exigem grande mobilidade e relativa potência de fogo, podendo atuar em largas frentes e grandes profundidades, sendo extremamente apta a realizar operações de segurança. Como elemento de economia de meios, realiza também operações ofensivas e defensivas. (BRASIL 3, 2021, p. 1-2).

Além das Operações Ofensivas e Defensivas, o Pel C Mec tem como possibilidade a participação em determinadas Operações Complementares. As Operações Complementares são definidas por BRASIL 3 (2021, p.7-1) como “[...] operações destinadas a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as operações básicas a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate terrestre”.

São operações complementares: aeromóvel; aeroterrestre; de segurança; contra forças irregulares; de dissimulação; de informação; especiais; salvamento; de evacuação de não combatentes; de junção; de interdição; de transposição de curso de água; anfíbia; ribeirinha; contra desembarque anfíbio; de abertura de brecha; e a em área edificada. (BRASIL, 2021, p. 7-1)

De acordo com o Manual EB70-CI-11.457 - Pelotão de Cavalaria Mecanizado - Volume II (BRASIL 3, 2021, p. 7-1), as operações complementares de maior relevância para o Pel C Mec são as Operações de Segurança e as Operações em Áreas Edificada, sendo esta última o enfoque do presente estudo.

Apesar de combates urbanos existirem desde a antiguidade, é perceptível o aumento da presença dessa Operação Complementar no conflitos atuais. Conforme HEADQUARTERS (2003, p. 1-2, tradução nossa), este aumento justifica-se no seguinte fato:

O mundo está em um período de urbanização maciça. Uma tendência de migração das áreas rurais para as urbanas está ocorrendo em todo o mundo. Esta tendência é especialmente evidente nos países em desenvolvimento. Combinado com exponencial crescimento da população global no último quarto de século, essa migração criou grandes áreas urbanas que abrigam os centros populacionais, governo e economia em suas respectivas regiões.

Esses centros urbanos possuem características únicas e, por isso, tornam a atuação de determinada tropa extremamente complexa. É possível relacionar esse tipo de ambiente operacional com o acrônimo inglês VUCA³ (em português: volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade), criado e empregado pelo *U.S Army War College*⁴ para explicar o mundo no cenário pós-Guerra Fria (LAWRENCE, 2013, p.3). De forma geral, essa associação justifica-se no fato de que os acontecimentos e mudanças nesse ambiente ocorrem

³A noção de VUCA foi introduzida pelo *U.S. Army War College* para descrever o mundo multilateral mais volátil, incerto, complexo e ambíguo que resultou do fim da Guerra Fria (LAWRENCE, 2013, p. 3, tradução nossa).

⁴ Escola de Guerra do Exército Estadunidense, em tradução do autor.

de forma acelerada, tornando os planejamentos incertos e, conseqüentemente, dificultando as decisões e o emprego de tropas.

O emprego do Pel C Mec, não obstante ao que já foi explicado, também apresenta dificuldades nesse ambiente, visto que a configuração dos centros urbanos limita o movimento, observação e, de certa forma, a proteção. Desta referida dificuldade que surge o ideal de utilizar um Caçador Militar, visando auxiliar e potencializar a atuação do Pel C Mec quando empregado em Operações em Áreas Edificadas.

A Instrução Provisória 21-2 – O Caçador, criada em 1998, foi o marco inicial na questão doutrinária do preparo e emprego do atirador de elite no Exército Brasileiro, visto que, na época, esta função estava sendo inclusa nas Unidades de Infantaria, porém, este manual nada constava sobre o emprego em Operações em Áreas Edificadas e sobre apoio à Cavalaria Mecanizada. Em 2019, entretanto, foi criada uma edição experimental, o Caderno de Instrução EB70-CI-11.429 – CAÇADOR DE CORPO DE TROPA, a qual atualizou significativamente as informações relativas ao Caçador, incluindo Operações no Combate em Localidade e Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) em ambientes urbanos, contudo, não houve acréscimo de informações referentes à sua utilização na Arma de Cavalaria. Em 2020, houve a atualização do EB70-MC10.354 – REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO, sendo apresentada a sua 3ª edição, na qual foi adicionada uma Seção de Caçadores no Pelotão de Comando, prevendo o seu emprego em diferentes contextos e tipos de operações. Quanto ao emprego de Caçadores em Operações em Áreas Edificadas, todavia, poucas informações foram adicionadas, apenas evidenciando que “A Seç Cçd será direcionada, prioritariamente, para a neutralização das armas AC e suas guarnições, facilitando a progressão das VB no interior da localidade” (BRASIL, 2020, p. 5-59).

Dito isto, percebe-se que informações sobre o reforço de um Caçador Militar a um Pel C Mec no Ataque em Operações em Áreas Edificadas são extremamente escassas, não havendo nada registrado sobre seu emprego e possibilidades neste exato contexto. Apresenta-se, assim, a justificativa para o seguinte questionamento: **Quais inclusões e acréscimos pode-se sugerir ao Manual de Campanha EB70-CI-11.457 - Pelotão de Cavalaria Mecanizado no tocante ao emprego e possibilidades do Caçador em reforço ao Pel C Mec no Ataque em Operações em Áreas Edificadas?**

A relevância deste trabalho apresenta-se no levantamento e análise das possibilidades de emprego de Caçadores em ambiente urbano, ainda pouco exploradas no tocante ao apoio a tropas mecanizadas da Arma de Cavalaria, buscando-se futuramente facilitar e favorecer pesquisas relacionadas ao tema e atualizar cada vez mais as particularidades envolvidas na

situação abordada. Outrossim, a pesquisa visa incluir no Manual EB70-CI-11.457 procedimentos relativos ao emprego do Caçador quando em reforço ao Pelotão de Cavalaria Mecanizado enquadrado no Ataque em Operações em Áreas Edificadas, com o objetivo de fornecer dados que acrescentem positivamente à doutrina já existente.

A fim de estabelecer uma sequência lógica e facilitar a visualização do conteúdo, a presente monografia está dividida em 5 capítulos, os quais são: Introdução, Referencial Teórico, Referencial Metodológico, Resultados e Discussões e, por último, Considerações Finais.

O primeiro capítulo, Introdução, caracteriza-se por apresentar o assunto e tema do trabalho, observando e destacando a relevância da pesquisa, os problemas e seus antecedentes, as justificativas, os objetivos e a divisão dos capítulos, a fim de situar o leitor sumariamente.

No segundo capítulo, Referencial Teórico, apresenta-se de forma mais detalhada o que pretende-se pesquisar, visando dar sustentáculos teóricos à pesquisa e destacar os problemas relacionados ao tema. Dito isto, buscou-se destacar o que já foi publicado sobre o assunto, quais aspectos já foram abordados e, posteriormente, levantar as lacunas teóricas existentes. Baseando-se nisto, neste tomo, foram analisadas bibliografias, documentos, artigos e manuais referentes ao Caçador, Pelotão de Cavalaria Mecanizado e Operações em Áreas Edificadas, visando aprofundar o leitor nos assuntos abordados e, em determinadas unidades, evidenciar os questionamentos levantados em relação à falta de informação.

O terceiro capítulo, Referencial Metodológico, como o próprio nome sugere, caracteriza-se por expor minuciosamente como dar-se-á a realização da pesquisa e por quais meios e métodos será obtida a solução dos questionamentos levantados. Igualmente, incluso na metodologia, observa-se no capítulo a explanação sobre os procedimentos, instrumentos utilizados e as etapas da pesquisa.

No quarto capítulo, Resultados e Discussões, estão presentes os preenchimentos das lacunas levantadas, o significado e como foram encontrados estes itens, ou seja, os resultados referentes às possibilidades do Caçador, ainda pouco ou nada exploradas, no contexto estudado. Além disto, mostrou-se presente a interpretação das especificidades descobertas e qual deveria ser sua importância nos manuais doutrinários e nas práticas militares.

As Considerações Finais, quinto capítulo, caracterizou-se por tratar-se da compilação dos resultados obtidos e a correlação destes com o problema levantado: a falta de informações referentes ao emprego e possibilidades do Caçador quando em reforço ao Pel C Mec no Ataque em Operações em Áreas Edificadas. Destarte, neste tomo, buscou-se destacar as exatas inferências a serem acrescentadas no Manual de Campanha EB70-CI-11.457 - Pelotão

de Cavalaria Mecanizado e, outrossim, a serem atentadas pelos Caçadores e os Comandantes de Pelotões de Cavalaria Mecanizados reforçados.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as possibilidades do Caçador Militar em Reforço ao Pelotão de Cavalaria Mecanizado no Ataque em Operações em Áreas Edificadas, tendo como propósito propor procedimentos inexistentes no Manual de Campanha EB70-CI-11.457 - Pelotão de Cavalaria Mecanizado.

1.1.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos do trabalho, os quais possuem a finalidade de esclarecer o objetivo geral, são os seguintes:

Apresentar parte relevante da doutrina referente ao Caçador Militar no R C Mec, seu emprego, armamento e suas possibilidades no combate em localidade

Apresentar as características, possibilidades, limitações e organização do Pel C Mec.

Apresentar as Operações em Áreas Edificadas e as ações do Pel C Mec neste contexto.

Analisar bibliografias e documentos que descrevam especificidades demonstradas pelos Caçadores em combates em localidades.

Propor as especificidades, desenvolvê-las e analisar sustentáculos práticos.

Analisar as possibilidades do Caçador em reforço ao Pel C Mec nas Operações em Áreas Edificadas.

2REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O CAÇADOR

Caracteriza-se por ser um atirador militar que atinge alvos a longas distâncias, utilizando-se de posições ocultas e da precisão do armamento. Possuem treinamento e armamento específico. Além disso, os atiradores militares são treinados em uma variedade de técnicas especiais de operação: detecção, perseguição, métodos de estimativa de alcance de alvo, camuflagem, memorização, descrição, infiltração, reconhecimento e observação especiais, vigilância e aquisição de alvos (GONDIM, 2020).

Figura 1- Caçador em Área Edificada



Fonte: AUTOR (2023)

Conhecido mundialmente como *Sniper*, o Caçador é um multiplicador de forças e sistema de armas eficiente. A filosofia para o emprego do caçador pode ser traduzida pela seguinte frase: "Um tiro, uma baixa" (BRASIL 1, 2019, p. 1-1). A origem do termo "*sniper*" vem do verbo em inglês "*to snipe*", tendo sua origem por volta de 1770 entre os soldados e oficiais na Índia Britânica, os quais enviavam cartas às suas casas relatando as constantes rotinas de caça e fazendo alusão ao tiro de *Snipes*, no Brasil, Narceja, uma ave de caça

extremamente desafiadora para os caçadores devido à sua agilidade, voo errático e boa camuflagem. Caçadores de narcejas, portanto, precisavam ser furtivos, além de serem bons rastreadores e atiradores (PEGLER, 2004).

É interessante ressaltar que em diversas doutrinas militares o atirador nunca atua sozinho, tendo sempre um observador o auxiliando. À medida que o atirador se concentra essencialmente em realizar o disparo, o observador é encarregado de avaliar a distância da equipe ao alvo desejado, identificar e designar alvos, fazer a segurança da equipe, medir a velocidade do vento com anemômetro ou com indicadores físicos, medir temperatura, observar o tiro e corrigí-lo se necessário, dentre outras tarefas.

Acredita-se que a origem definitiva dos primeiros atiradores de precisão esteja vinculada à Guerra de Independência Americana. Em 1777, na Batalha de Saratoga, por exemplo, os colonos se esconderam nas árvores e usaram rifles para atirar em oficiais britânicos. Após isso, durante a Guerra da Criméia, as primeiras miras ópticas foram projetadas para caber em rifles e posteriormente vendidas para a Confederação durante a Guerra Civil Americana, onde os exércitos da União e Confederados empregaram atiradores de elite. Na Guerra dos Bôeres, no terreno aberto da África do Sul, os atiradores foram cruciais para o resultado da batalha, surgindo nesse conflito também a primeira unidade militar conhecida a usar um traje *ghillie*⁵. Na Primeira Guerra Mundial, franco-atiradores apareceram como atiradores mortais nas trincheiras, surgindo, em 1916, a Primeira Escola do Exército de Tiro de Precisão, Observação e Escotismo, em Lingham, na França (PEGLER, 2004). Porém, o reconhecimento definitivo da importância desses atiradores e a utilização em larga escala de Caçadores ganhou destaque logo no início da Segunda Guerra Mundial, consolidando suas presenças até os dias de hoje nos mais diversos exércitos do mundo.

2.1.1 O Caçador no Regimento de Cavalaria Mecanizado

Primeiramente, deve-se citar o fato de que não há Caçadores orgânicos de um Pelotão de Cavalaria Mecanizado, apenas atiradores treinados. Os Caçadores são orgânicos dos Regimentos de Cavalaria Mecanizados e estão previstos no Pelotão de Comando, orgânico do

⁵ O traje *ghillie* é um uniforme especial de camuflagem coberto por padrões irregulares de adorno ou redes (EUA, 1994, p. 4-3, tradução nossa). Concebido para replicar a cobertura natural nas terras altas escocesas, cada homem faz o seu próprio de acordo com sua preferência. Em termos gerais, consiste em um casaco com capuz ou jaqueta de aniação muito solta e calças. O tecido possui tiras verdes, marrons e pretas presas aleatoriamente e costuradas nele para disfarçar seu contorno, além de vegetação natural, como grama e samambaia, frequentemente adicionadas (PEGLER, 2004, p.129, tradução nossa).

Esquadrão de Comando e Apoio. A seção ou turma de caçadores, orgânica do Pel Cmdo, é organizada em três equipes de caçadores. Cada uma dotada de Viatura Blindada, equipamentos diversos de observação, orientação, navegação, comunicações e armamento antipessoal e antimaterial (BRASIL 2, 2020, p 9-14). A utilização da seção de caçadores em missões de Apoio de Fogo é planejada e coordenada pelo S-3 do regimento, visando facilitar progressão da tropa mecanizada, particularmente em um ambiente operacional com densa defesa anticarro e em áreas edificadas (BRASIL 2, 2020, p 9-14). Para fins do presente trabalho, a Seção de Caçadores estará enquadrada em uma situação de reforço a um determinado Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, o qual possui um Pelotão de Cavalaria Mecanizado realizando um Ataque em Área Edificada e com prioridade de fogos e apoio por parte dos caçadores.

2.1.2 O emprego do Caçador

O Caçador pode ser empregado de três formas distintas, relativas à sua logística e à sua cadeia de comando, sendo elas: ação de conjunto, apoia subunidades cujas ações estejam diretamente controladas pelo comando da Unidade; apoio direto, momento em que o comandante da turma, estando em ligação ao comandante apoiado, fica com o controle de suas ações no apoio a determinada subunidade; e, por fim, reforço, situação presente neste estudo e caracterizada pelo fato de que o comandante reforçado passa a ser o responsável pelo emprego tático e pelos suprimentos da equipe.

Referente aos caçadores dos R C Mec, a seção de caçadores atuará prioritariamente identificando, destruindo ou neutralizando as guarnições de armas anticarro que bloqueiam ou impedem o deslocamento da tropa (BRASIL 2, 2020, p 9-14). A seção ainda pode ser empregada, tendo em vista seu nível de adestramento, para forçar o desdobramento prematuro do inimigo, além de colher dados e informes sobre o inimigo e o terreno.

O Caçador Militar possui como missão principal “Executar tiros precisos, a longa distância, em alvos inimigos selecionados [...]” (FERREIRA, 2003, p. 1-2). Sua missão secundária traduz-se em “Buscar informes sobre o inimigo e sobre o andamento do combate, relatando-os ao escalão superior, o mais breve possível [...]” (FERREIRA, 2003, p. 1-2). O caçador tem a possibilidade, tendo em vista missão secundária, de ser empregado como Observador Avançado, monitorar regiões de interesse para a inteligência (RIPI), realizar reconhecimentos de pontos ou de pequenas áreas e vigiar um setor, uma via de acesso ou um eixo.

Visando empregá-los corretamente, o Caderno de Instrução EB70-CI-11.429, de 2019, prevê nove princípios básicos do caçador. Estes princípios são, de forma resumida, os seguintes;

- a) Atirar em alvos selecionados;
- b) Furtar-se da observação inimiga e só atirar de uma distância segura;
- c) Trabalhar em dupla com o observador;
- d) Sempre que possível, o caçador atua protegido pela tropa amiga;
- e) Deve possuir fuzil, munição e equipamentos específicos;
- f) É o maior conhecedor de suas próprias capacidades, limitações e possibilidades de emprego e deve ser ouvido em relação a isto, quando a ele se atribuir alguma missão;
- g) Às vezes a única defesa contra o caçador inimigo é o caçador amigo;
- h) O foco do emprego do caçador deve ser controlar as suas ações, sem tolher a sua liberdade e flexibilidade.
- i) Em princípio, os caçadores começam a atuar de 24 (vinte e quatro) a 48 (quarenta e oito) horas antes do início da operação tática da Unidade.

É válido ressaltar que o emprego de Caçadores vai muito além do mencionado acima, estando previsto em diversos manuais do Exército, bem como a diversidade do emprego, tendo em vista a diferença da tropa da qual este elemento é orgânico. De uma maneira geral, há grandes semelhanças no emprego dos caçadores por parte da Arma de Cavalaria e da Arma de Infantaria, contudo, tendo em vista as naturezas e missões distintas destes elementos de manobra, há uma natural diferença quanto ao conhecimento de aplicação das Turmas / Seções de caçadores. Dentre estes diversos ramos que localiza-se alguns enfoques do presente trabalho, sendo estes o emprego e as possibilidades de um Caçador orgânico de um R C Mec em áreas edificadas.

2.1.3 O Caçador no combate em localidade

Neste contexto, ou seja, ambientes urbanos, os Caçadores Militares possuem, além de diversas outras, duas possibilidades fundamentais, que são:

Executar tiros precisos, a longa distância, em alvos inimigos selecionados, de oportunidade ou planejados.
Buscar informes sobre o inimigo e sobre o andamento do combate, relatando-os ao escalão superior, o mais breve possível (BRASIL 1, 2019, p. 12-2).

Suas limitações impostas pelo ambiente urbano são:

- a) Reduzidos campos de tiro em largura e profundidade.
- b) Presença de ângulos mortos em grande quantidade.
- c) Itinerários de retraimento limitados e canalizados.
- d) Necessidade de diversas posições de muda para bater o mesmo setor de tiro.
- e) Presença de escombros e estruturas de alvenaria e concreto, em face do poder de perfuração do Car 7,62mm (38 cm em madeira, 25 cm em areia e 7,6 cm em concreto) (BRASIL 1, 2019, p. 12-2).

Quantos às formas de emprego do Caçador no combate em localidade, é importante ressaltar que a Turma de Caçadores poderá ser empregada em ação de conjunto ou em reforço, não sendo recomendado o emprego de apoio direto, visto que o pequeno efetivo da turma e as especificidades dessa forma de emprego, no caso, a relativa independência da coordenação e controle da turma em relação à subunidade apoiada, tornam rara a utilização neste quesito (BRASIL 1, 2019, p. 12-5).

A progressão do Caçador no interior das localidades será realizada por lanços, os quais serão curtos e rápidos entre duas posições abrigadas. Caso as características da localidade, as comunicações e as medidas de coordenação e controle permitam, os Caçadores poderão deslocar-se junto à tropa apoiada (BRASIL 1, 2019, p. 12-5).

Quando os Cçd estiverem acompanhando os fuzileiros poderão deslocar-se junto à fração apoiada, ou afastados dela, evitando as mesmas edificações e os mesmos compartimentos. Esse deslocamento afastado poderá ser adotado quando não puser em risco as medidas de coordenação e controle da tropa apoiada (BRASIL 1, 2019, p. 12-5).

O uniforme e sua consequente camuflagem também devem ser adaptadas ao ambiente urbano, visto que “Nas localidades, tendem a prevalecer cores cinza, branca, preta, vermelha e telha, sendo que as formas dos objetos são simétricas e regulares” (BRASIL 1, 2019, p. 12-5).

No interior de uma localidade há inúmeros abrigos, já prontos, que podem ser aproveitados para estabelecer boas PFT. Tais abrigos serão melhorados com o acréscimo de material de alvenaria, madeira e mobiliário, acrescido de entulho, cortinas e outros itens que possam reforçar as condições do abrigo, além de agir como “camuflagem urbana”, dificultando a localização da posição pelo inimigo (BRASIL 1, 2019, p. 12-3).

Um dos fatores que aumentam ainda mais a importância do Caçador é a questão dos fogos seletivos, visto que irão dirimir as chances de baixas indiscriminadas, respeitando as regras de engajamento.

Segundo o manual estadunidense *Intelligence Support to Urban Operations*⁶ (EUA, 2015), os Caçadores são observadores treinados que podem fornecer informações precisas e relatórios claros, auxiliando no esclarecimento de situações, outrossim, podem identificar líderes, o sexo dos indivíduos, tamanho do grupo e equipamentos que possam estar carregando. A *RAND Corporation*⁷, empresa norte-americana financiada pelo governo dos EUA que visa oferecer pesquisas e análises sobre questões de defesa, realizou um estudo sobre a Batalha de Sadr City em 2008, no Iraque, e concluiu que o Caçador, quando enquadrado em ambiente urbano, é um facilitador do combate, pois atua em ações contra caçadores, vigilância, monitoramento e detecção de artefatos explosivos.

Caçadores continuam sendo um facilitador importante em operações urbanas

Caçadores são recursos importantes em operações urbanas. Eles são elementos chave, particularmente em operações de contra-atiradores e para coleta de informações. Na batalha de Sadr City, Caçadores de Operações Especiais desempenharam papéis críticos abatendo atiradores inimigos durante a construção do GOLD WALL. Os franco-atiradores convencionais nos níveis de batalhão e companhia desempenharam um papel semelhante, realizando a supervisão das operações da companhia. Como FT 1-6 IN descobriu, eles foram também extremamente úteis em uma função de monitoramento. Também devemos mencionar o importante papel que os atiradores de elite desempenharam no treinamento da companhia de desobstrução de rotas da Brigada de Combate. Os engenheiros alegaram que o treinamento que receberam dos Caçadores na varredura de anomalias foi de longe a capacidade mais útil que eles tinham para detectar dispositivos explosivos improvisados e explosivos penetrantes (JOHNSON, 2013, p. 109, tradução nossa).

Segundo DEAROLPH (2002, p. 6), o inimigo consegue mitigar o avanço tecnológico de um exército atuando em ambientes urbanos e complexos. A dificuldade de encontrar e engajar estes inimigos em centros populacionais serve para frustrar os comandantes de tropas que operam em localidades, pois mesmo o míssil ou a bomba mais inteligente não garante a certeza de que não haverá danos colaterais na população. Nesta situação que encontra-se o trunfo à altura deste desafio. Os Caçadores Militares podem engajar alvos definidos sem causar baixas de não-combatentes, além de causar efeitos psicológicos, reduzindo a vontade de lutar do inimigo.

2.1.4 Armamento do Caçador

As peculiaridades e características de uma missão na qual o Caçador é empregado tornam a relação com seu armamento e material de extrema importância. O atirador deve

⁶ Apoio de Inteligência às Operações Urbanas, em tradução do autor.

⁷ Corporação RAND, em tradução do autor.

possuir conhecimento detalhado sobre a operação do seu respectivo armamento, devendo seu material e equipamento serem perfeitamente adequados e mantidos, funcionando em sinergia, visando a obtenção da potencialidade máxima do fuzil. O fuzil do Caçador deve possibilitar tiros longos e precisos para o bom cumprimento da missão principal, para isto, este armamento é classificado em Antipessoal e Antimaterial.

O armamento antipessoal comumente utilizado pelos caçadores convencionais é o Fuzil .308 - IMBEL AGLC, pois permite a realização de disparos com certa precisão em silhueta humana até 800 metros. O Manual do Usuário de 2018 da Indústria de Material Bélico do Brasil o define como:

[...] um fuzil de precisão e baseado elaborado a partir dos componentes básicos dos fuzis e mosquetões de ação Mauser de reconhecida e inegável confiabilidade e segurança. Com um cano flutuante, tipo match, em calibre .308 Win (7,62x51 mm), forjado a frio e adaptado para o tiro com luneta, este fuzil foi desenvolvido para atender as necessidades daqueles que desejam uma arma de extrema precisão e ao mesmo tempo robusta e confiável. A flexibilidade do projeto possibilita a utilização dos mais variados tipos de lunetas (inclusive lunetas para tiro noturno) bem como a instalação de outros itens opcionais tais como gatilhos de simples e duplo estágio, bandoleiras reguláveis, bipés, coronhas especiais, e outros (IMBEL, 2018, p. 6).

Figura 2- Fuzil .308 AGLC



Fonte: IMBEL(2018)

Equipado com este armamento, o Caçador Antipessoal tem o objetivo de neutralizar alvos, a exemplo de: pessoal de armas coletivas; pessoal de Comunicações; Chefe e Motorista de Carros de Combate (CC); Comandante de fração; observadores avançados; e, por fim; caçadores inimigos (BRASIL 1, 2019, p.1-2).

Quando empenhado em missões que necessitem de um armamento antimaterial, o Caçador poderá utilizar o Fuzil Barrett M82A1 em calibre .50 (12,7 x 99 mm), considerada uma das armas de fogo mais destruidoras da atualidade e elemento eficaz em missões de elevado valor tático e estratégico (CARVALHO, 2009, p.21). Este armamento permite ao Caçador realizar tiros com precisão visando a destruição ou neutralização de meios materiais, tais como: antenas; blindados; aeronaves e embarcações; depósitos de suprimentos; lançadores de mísseis; sensores; e, equipamentos de Guerra Eletrônica (BRASIL 1, 2019, p.1-2).

Figura 3 - Fuzil Antimaterial Barret M82A1.50 (12,7x99 mm)



Fonte: BARRET (2023)

O manual EB70-MC-10.354, conforme já citado, prevê que a Seção de Caçadores dos R C Mec possua como dotação tanto armamento antipessoal quanto antimaterial, todavia, sabe-se que a mobilidade a pé de uma equipe de caçadores, no caso, a dupla observador-caçador, fica limitada ao transportar os dois tipos de armamento, devido ao peso e tamanho. É perceptível, outrossim, que a escolha de qual tipo de armamento a ser utilizado está diretamente ligada à missão e às regras de engajamento às quais o caçador está enquadrado. Contudo, os manuais relacionados ao tema não abordam especificamente qual armamento traria mais benefícios ao Pel C Mec operando em Áreas Edificadas quando possuindo uma Seç Cçd em reforço ao seu Esqd C Mec, sendo esta irresolução uma das questões do presente trabalho.

2.2 O PELOTÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

O Pel C Mec, como anteriormente citado, é a unidade básica de manobra da Cavalaria Mecanizada. Conforme EB70-CI-11.457 - Pelotão de Cavalaria Mecanizado - Volume I, seu conceito e emprego são:

O Pelotão de Cavalaria Mecanizado (Pel C Mec) é uma tropa blindada do tipo média, que emprega viaturas blindadas sobre rodas que lhe conferem boa mobilidade em estradas e em terrenos secos, elevados e limpos; grande potência de fogo; relativa proteção blindada e ação de choque. Possui um sistema de comunicações amplo e flexível e uma grande flexibilidade organizacional.

O Pelotão (Pel) é uma tropa instruída, adestrada e equipada para realizar, prioritariamente, Op Cmpl de Segurança. No contexto dessa operação, poderá realizar ações de reconhecimento, enquadrado em seu Esqd C Mec, durante toda a operação de segurança de seu RC Mec (ou Esqd C Mec de Brigada) ou em parte desta. Também, no contexto dessa Op Cmpl Seg, ou como elemento de economia de meios do escalão superior, poderá participar de Operações Ofensivas e Defensivas conduzidas pelo seu RC Mec ou Esqd C Mec.

As características de um Pel C Mec e a destreza necessária para o êxito da sua coordenação e controle o tornam único no Exército Brasileiro, sendo popularmente conhecido como “Mini-Brigada”, tendo em vista as mais diversas possibilidades de suas frações e meios.

2.2.1 Características, Possibilidades, Limitações e Organização

2.2.1.1 Características

Conforme EB70-CI-11.457 - Pelotão de Cavalaria Mecanizado - Volume I, as características de um Pel C Mec são:

Mobilidade: proporcionada pelas viaturas blindadas das frações, as quais possuem como características técnicas o deslocamento em alta velocidade em estradas e um bom rendimento em campos e terrenos diversos, além de uma boa capacidade de transposição de obstáculos. Essas capacidades permitem ao pelotão movimentar-se com fluidez, permitindo a realização de manobras rápidas e flexíveis, obtendo, também, no mais alto grau, o efeito surpresa.

Potência de fogo: possibilitada pelo armamento orgânico do pelotão, o qual, pela sua diversidade de calibres (leve, médio e pesado), o permite realizar fogos diretos e indiretos, outrossim, pela boa capacidade de estocagem de munição nas viaturas.

Proteção blindada: assegurada pela blindagem nas viaturas, a qual protege as

guarnições do fogo de armas leves. Esse fator, permite aos combatentes, em determinadas situações táticas, a realização do combate embarcado com relativa segurança.

Ação de choque: é a utilização em sinergia das características citadas anteriormente, causando no inimigo surpresa e provocando grande impacto.

Sistema de comunicações amplo e flexível: possibilitada pelos diversos meios de comunicação presentes no pelotão, os quais permitem ligações rápidas e seguras com o escalão superior e com as frações orgânicas do pelotão, elevando a capacidade de controle e fluidez nas ações.

Flexibilidade organizacional: é a capacidade de o pelotão em reorganizar-se de modo que uma missão específica seja cumprida da melhor maneira possível. É a característica mais marcante de um Pel C Mec, visto que sua estrutura organizacional versátil permite a criação de pelotões provisórios, os quais podem reunir meios da mesma natureza ou não, por parte de sua SU (BRASIL 3, 2021, p.2-2).

2.2.1.2 Possibilidades

Conforme o Caderno de Instrução 2-36/1 – O PELOTÃO DE CAVALARIA MECANIZADO, elaborado pelo Curso de Cavalaria da Academia Militar das Agulhas Negras e expedido em 2006 para experimentação, as possibilidades de um Pel C Mec são:

- (1) participar de operações de reconhecimento;
- (2) participar de missões de segurança;
- (3) realizar operações de contra-reconhecimento;
- (4) realizar operações ofensivas e defensivas, particularmente durante a execução de ações de Rec e Seg, nos Movimentos Retrógrados e na aplicação do princípio de economia de meios;
- (5) realizar ligações de combate;
- (6) ser empregado na segurança da área de retaguarda - SEGAR;
- (7) realizar operações de junção;
- (8) executar ações contra forças irregulares.
- (9) cumprir missões num quadro de garantia da lei e da ordem, mesmo atuando de forma descentraliza, em reforço aos Batalhões de Infantaria; e
- (10) Operações tipo Patrulha. (AMAN, 2006, p. 1-2)

É válido destacar que a citação deste ultrapassado caderno de instrução torna-se pertinente devido ao fato de que o manual mais atualizado sobre o assunto, EB70-CI-11.457, não elenca as possibilidades de forma ordenada e compreensível como a exposta acima. Simultâneo a isto, torna-se oportuno citar que, devido à época que o Caderno de Instrução foi elaborado, muitas informações estão obsoletas, a exemplo da realização de Operações de

Reconhecimento, visto que a doutrina atual não considera mais o reconhecimento como uma operação propriamente dita. Além disso, o Pel C Mec é capaz de realizar diversas outras atividades, como nas já mencionadas Operações Complementares em Áreas Edificadas, um dos focos do presente trabalho.

2.2.1.3 Limitações

O Pel C Mec compartilha as mesmas limitações presentes em outras tropas mecanizadas. O uso de viaturas e a presença dos equipamentos orgânicos do próprio pelotão, à medida que produzem benefícios, causam, outrossim, prejuízos à segurança e celeridade das operações. A presença de viaturas, em análises negativas, acaba por tornar o pelotão um alvo nítido e de fácil engajamento muitas vezes por parte do inimigo. Da mesma forma, a presença de obstáculos, terrenos inclinados e áreas que propiciem o atolamento das viaturas acabam por restringir o movimento. A manutenção e suprimento destes meios também torna-se dificultada, tendo em vista a grande diversidade e necessidade de material. Dito isto, o Manual EB70-CI-11.457 elenca as principais limitações a seguir:

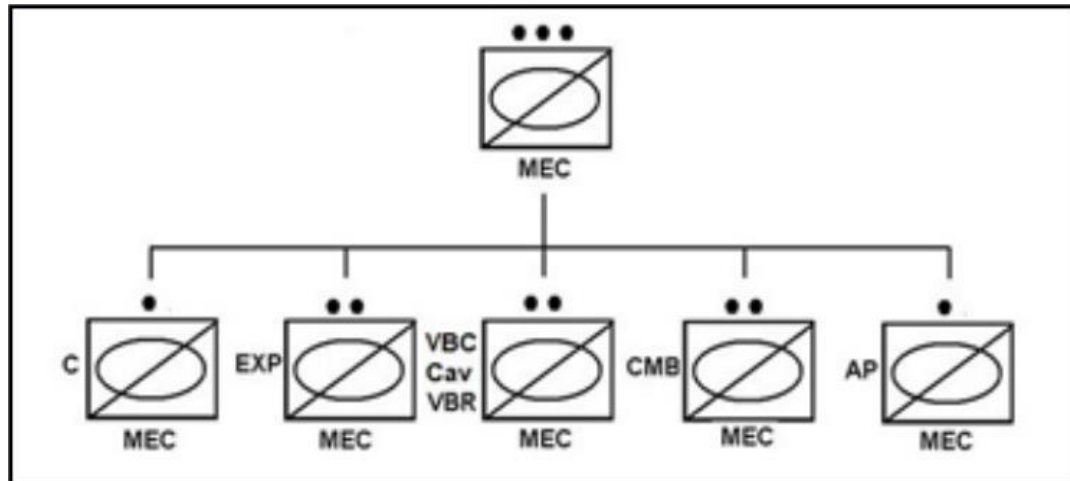
- Vulnerabilidade aos ataques aéreos e sensibilidade ao emprego de armamento anticarro, minas AC e aos obstáculos naturais e artificiais;
- Mobilidade limitada fora de estrada, principalmente em terrenos baixos, úmidos, montanhosos, arenosos, pedregosos, matosos, pantanosos, outros terrenos acidentados e áreas construídas;
- Capacidade de transposição de curso de água reduzida, em função das características anfíbias das viaturas de que é dotado (em princípio só as VBTP);
- Sensibilidade às condições meteorológicas adversas, que reduzem a sua mobilidade;
- Grande necessidade de suprimento das classes III (combustíveis), V (armamento e munição) e IX (material de motomecanização), além de apoio de manutenção;
- Redução da potência de fogo quando desembarcado e afastado das Vtr, ou em locais onde o armamento dessas não pode apoiar a progressão da tropa;
- limitada proteção contra os efeitos de armas químicas, biológicas e nucleares;
- Dificuldade de manutenção do sigilo de suas operações, em virtude do ruído e da poeira decorrentes do deslocamento de suas viaturas (BRASIL 3, 2021,p. 2-5).

2.2.1.4 Organização

Visando orientar o leitor para um melhor entendimento da organização de um Pel C Mec, facilitando a compreensão das atividades inerentes de cada fração e suas particularidades, buscou-se explanar a formação do respectivo pelotão. Na constituição do Pel C Mec estão presentes as seguintes frações : Grupo de Comando (Gp Cmdo), Grupo de Exploradores (GE), Seção de Viaturas Blindadas de Reconhecimentos (Seç VBR), Grupo de

Combate (GC) e Peça de Apoio (Pç Ap), conforme organograma abaixo:

Figura 4 – Organograma do Pelotão de Cavalaria Mecanizado



Fonte: BRASIL 3(2021)

Conforme manual EB70-CI-11.457 de 2021, os grupos/frações do Pel C Mec podem ser resumidamente definidos como:

Grupo de Comando: é a fração própria do Comandante de Pelotão (Cmt Pel), da qual ele exerce a supervisão, comando e controle sobre o seu pelotão. Esse grupo é geralmente dotado pela Viatura Tática Leve (VTL) Marruá, contudo, algumas unidades possuem as novas Viaturas Blindada Multi Tarefa Leve Sobre Rodas de Reconhecimento (VBMT-Rec LSR). Essas viaturas possuem boa mobilidade e permitem ao comandante deslocar-se por toda Zona de Ação (Z Aç), acompanhando e coordenando as atividades. Possui também meios de comunicação que permitem boas ligações com o escalão superior e com as demais frações.

Grupo de Exploradores: fração composta por duas patrulhas que tem a finalidade de realizar as TTPs próprias das ações de reconhecimento. Cada patrulha pode atuar em conjunto ou de maneira isolada, sendo cada uma dotada por duas viaturas, as quais, dependendo da unidade, são iguais as já citadas anteriormente no Gp Cmdo. Cada patrulha possui uma viatura armada com Metralhadora (Mtr) 7,62 mm e outra viatura armada com um lança-granadas veicular de 40 mm, além de uma arma AC. Na prática, todas as patrulhas do GE são equipadas com Mtr 7,62 mm. As possibilidades do GE são diversas, sendo elas: ações de reconhecimento em bosque, vau, pontes, localidades, itinerários, dentre outros; realizar segurança nos flancos; executar golpes de sonda, a fim de reconhecer fora do eixo principal; realizar ataque a pé como grupo de combate; atuar como seção de metralhadoras em base de fogos; e, por fim, desempenhar outras funções especiais, como escolta.




Seção de Viaturas Blindadas de Reconhecimento: é composta por duas viaturas blindadas que atuam sempre em sinergia, apoiando-se nos movimentos e ataques. É a fração de choque e núcleo do Pel C Mec, sendo a destruição de blindados inimigos, devido ao canhão 90 mm, a sua principal missão.

Grupo de Combate: é organizado em um comando e duas esquadras de fuzileiros, composto também pelo atirador do armamento veicular e o motorista da Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (VBTP). Como o próprio nome indica, a natureza deste grupo é o combate de fuzileiros, podendo estes atuarem embarcados ou desembarcados. O emprego do GC pode ser definido por:

- a) em ações ofensivas embarcadas, compondo o combinado VBC Cav/VBR-Fuz do Pel C Mec;
- b) em ações ofensivas desembarcadas, isoladamente ou em conjunto com o GE (atuando como um GC);
- c) em ações defensivas, com a missão principal de defender as VBC Cav/VBR contra a ação aproximada de Fuz Ini e manter o terreno;
- d) em pequenas ações de reconhecimento desembarcado; e
- e) no balizamento e na limpeza de eixos etc. (BRASIL 3, 2021, p. 2-11)




Peça de Apoio: guarnição composta por quatro militares somados a um motorista, este grupo tem a função de apoio de fogo indireto do pelotão e a responsabilidade de proteger a retaguarda do pelotão, visto que geralmente posiciona-se no final da coluna de deslocamento ou à retaguarda das posições das demais frações. As frações do Pel C Mec, especialmente o GE, devem estar em condições de atuarem como observadores avançados (OA), a fim de observar, conduzir e corrigir os fogos indiretos advindos do morteiro da Peça.

Figura 5- QC e QDM do Pel C MeC (Parte 1)

FRAÇÃO	FUNÇÃO, POSTO OU GRADUAÇÃO E EFETIVO	VIATURAS	PRINCIPAIS EQUIPAMENTOS
1. COMANDO	Cmt: 1 - 1º Ten	 VBMT-Rec LSR com Mtr 7,62 mm	1 Mtr 7,62 mm 1 L Roj AC descartável 1 Rad VHF Portátil 1 Rad UHF Veicular 1 GPS 1GCB 1 Bino Termal 1 Telemetro laser Portátil 2 OVN
2. GRUPO DE COMANDO	Aux: 1 - Cabo Motorista de VBMT-Rec LSR 1 - Cabo		
	Atirador 1 - Soldado		
3. SEÇÃO DE VIATURAS BLINDADAS DE COMBATE DE CAVALARIA OU VIATURAS BLINDADAS DE RECONHECIMENTO	Cmt da Seç e Adj Pel 1 - 2º Sargento	 VBC Cav	2 Mtr AAe 7,62 mm 2 Mtr COAX 7,62 mm 2 Rad UHF Veicular 2 GPS 1GCB
	Cmt de VBR 1 - 3º Sargento		
	Motorista de VBC Cav ou VBR		
	Atirador 1 - Cabo Aux de Atirador 1 - Soldado		
4. GRUPO DE EXPLORADORES	Cmt: 1 - 3º Sargento	 1 VBMT-Rec LSR com Mtr 7,62 mm e 1 VBMT-Rec LSR com L Gr 40 mm Veicular da 1ª Pa Exp	2 Mtr 7,62 mm 2 L Gr 40 mm Veicular 2 L Fog AC descartável 2 Rad VHF Portátil 4 Rad UHF Veicular 2 GPS 2 GCB 1 Bino Termal 1 Telemetro Laser portátil 8 OVN

Fonte: BRASIL 3(2021)

Figura 6- QC e QDM do Pel C Mec (Parte 2)

FRAÇÃO	FUNÇÃO, POSTO OU GRADUAÇÃO E EFETIVO	VIATURAS	PRINCIPAIS EQUIPAMENTOS
4. GRUPO DE EXPLORADORES (continuação)	Aux: 1 - Cabo	 1 VBMT-Rec LSR com Mtr 7,62 mm e 1 VBMT-Rec LSR com L Gr 40 mm Veicular da 2ª Pa Exp	2 Mtr 7,62 mm 2 L Gr 40 mm Veicular 2 L Fog AC descartável 2 Rad VHF Portátil 4 Rad UHF Veicular 2 GPS 2 GCB 1 Bino Termal 1 Telemetro Laser portátil 8 OVN
	Explorador: 2 - Cabo		
	Motorista de VBMT-Rec LSR 4 - Cabos		
	Explorador 4 - Soldado		
	Atirador: 2 - Soldado L Gr 40 mm Veicular		
	Atirador: 2 - Soldado Mtr 7,62 mm		
05. GRUPO DE COMBATE	Cmt: 1 - 3º Sargento	 VBTP - MSR	1 Mtr .50 2 Mtr MINIMI 2 L Fog AC Descartável 2 Fz 7,62 mm com L gr 40 mm portátil 1 Rad VHF Portátil 1 Rad UHF Veicular 1 GPS 1 GCB 1 Detetor de Minas 3 OVN
	Aux: 1 - Cabo		
	Motorista VBTP-MSR 1 - Cabo		
	Fuzileiros: 4 - Soldado		
	Atirador: 2 - Soldado		
	Atirador: 1 - Cabo		
6. PEÇA DE APOIO	Cmt: 1 - 3º Sargento	 VBTP ou VBMT-Mrt Me LSR (a ser definido) - Mrt Me LSR com Mtr .50	1 Mrt Me 81 mm 1 Mtr .50 1 L Fog AC descartável 1 Rad VHF Portátil 1 Rad UHF Veicular 1 GPS 1 GCB 3 OVN
	Atirador: 1 - Cabo		
	Motorista de VBMT - Mrt Me LSR - 1 - Cabo		
	Auxiliar de Atirador 1 - Soldado		
	Muniçador: 1 - Soldado		

Fonte: BRASIL 3(2021)

2.3 OPERAÇÃO EM ÁREA EDIFICADA

São aquelas realizadas com o objetivo de conquistar e manter o controle sobre o todo ou parte de uma área edificada, ou para negá-la ao inimigo. Áreas edificadas possuem peculiaridades as quais se inter-relacionam intensamente, a exemplo da população, infraestruturas, terreno, meios de comunicação, dentre outros (BRASIL 4, 2017, p.4-12).

Figura 7 - As três dimensões do combate em uma área edificada



Fonte: BRASIL 3(2021)

Essas operações, devido às construções e à população presente no ambiente, possuem as seguintes características:

- a) canalização do movimento;
- b) dificuldade de prover apoio mútuo;
- c) ações táticas descentralizadas e executadas por pequenas frações;
- d) predomínio do combate aproximado;
- e) dificuldade de localizar e identificar o inimigo;
- f) preocupação com efeitos colaterais;

- g) menor velocidade nas operações;
- h) observação e campos de tiro reduzido;
- i) maior necessidade de segurança em todas as direções;
- j) importância do apoio da população; e
- k) dificuldade de comando e controle. (BRASIL 4, 2017, p.4-13).

Além destas características, o Manual de Campanha EB70-MC-10.303 – OPERAÇÃO EM ÁREA EDIFICADA, 1ª Edição, 2018, destaca que este tipo de terreno é constituído por edificações, regulares ou não, as quais podem ser compostas por alvenaria, concreto armado ou aço, materiais estes que as tornam resistentes e ideais para posições defensivas fortificadas. Estas estruturas, quando reduzidas a escombros, aumentam seu valor defensivo, pois dificultam o emprego de tropas mecanizadas, motorizadas e blindadas.

O Pelotão de Cavalaria Mecanizado tem a possibilidade de atuar no ataque a uma área edificada ou em sua defesa, neste estudo, o enfoque está na primeira opção. O melhor emprego neste contexto para uma tropa mecanizada será integrar ou constituir força de segurança (atuando fora dessa área) ou integrar (ou constituir) a força que fará o isolamento da mesma (BRASIL 3, 2021, p. 7-123).

2.3.1 O Pel C Mec no Ataque a uma Área Edificada

O Ataque propriamente dito é um tipo de Operação Ofensiva e poderá ocorrer durante Ação de Reconhecimento ou Operação de Segurança, com o intuito de limpar a área edificada para poder dar continuidade à missão, manter as vias críticas abertas ou quando não houver elementos mais aptos à realização desta tarefa. O Ataque de um Pel C Mec neste contexto pode ser resumido em três tarefas básicas, sendo elas: deslocar-se pela via de acesso (VA) determinada visando buscar contato com inimigo; ao travar contato com inimigo que ocupa prédio ou área em sua VA, suprimir a ameaça e reorganizar-se para prosseguir na missão; e, por fim, prosseguir deslocando-se pela VA até obter contato novamente ou conquistar o objetivo principal imposto pelo escalão superior (BRASIL 3, 2021, p. 7-123).

2.3.1.1 Emprego das Viaturas Blindadas do Pel C Mec no Ataque a uma Área Edificada

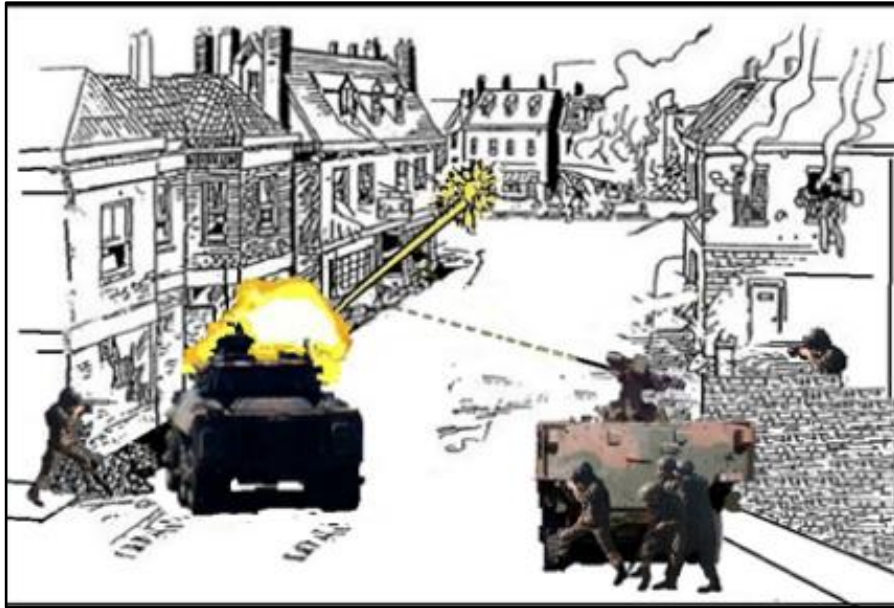
As Viaturas Blindadas do Pel C Mec, por serem constituídas por rodas, exercem papel importante em áreas edificadas, da mesma forma, suas características, como ação de choque e relativa proteção blindada, alinhadas ao sistema de observação e controle de tiro garantem vantagens sobre outros tipos de tropas neste ambiente. Contudo, os campos de tiros estreitos,

escombros, possibilidade de ataques surpresas com AC, visibilidade limitada para os flancos e retaguarda, entulhos e a baixa velocidade das viaturas imposta pelo terreno tornam necessário um estudo detalhado sobre suas utilizações, visando potencializar o emprego das VB e garantir maior segurança para as guarnições. A seguir, conforme BRASIL 3 (2021, p.7-125), será explicado o emprego de cada blindado/fração subordinada ao Pel C Mec:

VBR(Seç VBR): neste contexto, são utilizadas para neutralizar as posições inimigas, fortificadas ou não, pelo fogo dos canhões e pelas metralhadoras, visando permitir que os fuzileiros cerrem sobre o inimigo para destruí-lo. Possuem, igualmente, as capacidades de abrir brechas em edifícios e barreiras, desobstruir vias, engajar blindados inimigos e isolar objetivos conquistados dentro da área construída. A progressão da Seção será executada de quarteirão em quarteirão e, preferencialmente, à frente dos fuzileiros desembarcados, sendo a distância de uma fração para outra o suficiente para que haja apoio mútuo. Se possível, as duas VBR da Seção devem ser utilizadas sobre a mesma via, ocupando cada uma um lado da rua e fazendo visada às áreas mais baixas das edificações à frente. Simultaneamente, os fuzileiros deslocam-se a pé, devendo direcionar os fogos para as posições mais elevadas das construções e provendo a segurança dos flancos e retaguarda da viatura.. Em situações onde os fuzileiros deslocam-se à frente da VBR, recomenda-se que a tropa desembarcada o faça por dentro das edificações, liberando, assim, a observação e campos de tiros para o apoio de fogo da Seção, a qual, por sua vez, irá direcionar os fogos nos andares mais elevados possíveis das edificações à frente dos fuzileiros.

VBTP (GC): possui em geral as mesmas utilizações já citadas da VBR, resguardadas as diferenças causadas pela ausência do canhão 90mm. Por ser uma fração dotada de uma viatura blindada (VBTP-MR GUARANI 6x6) relativamente nova e com tecnologias recentes, o GC possui equipamentos optrônicos que permitem a realização de tiros de elevada precisão, além de observação e vigilância avantajadas. A principal missão da VBTP em área edificada é proporcionar apoio de fogo ao GC desembarcado e engajar inimigos identificados nas VA e edificações próximas, podendo também derrubar paredes mais simples com a finalidade de permitir a entrada dos fuzileiros. Outra possibilidade é de permitir o acesso da tropa a andares superiores das construções, no caso, os fuzileiros fazendo uso da parte superior da viatura para adentrar no segundo andar dos prédios por janelas e buracos. O desembarque dos fuzileiros torna-se importante a fim de permitir a segurança aproximada da VBR e VBTP, visto que a tropa embarcada tem menos condições de visualizar as partes mais altas dos prédios e as áreas demasiadamente próximas, prejudicando a segurança da guarnição contra inimigos e suas AC.

Figura 8 – Segurança aproximada dos Fuz desembarcados às VB



Fonte: BRASIL 3(2021)

VTL (GE e Gp Cmdo): as viaturas do GE são as que possuem a maior mobilidade neste ambiente e são empregadas em todas as ações que o grupo realiza nas ofensivas em áreas edificadas. Suas Mtr 7,62mm presentes nas viaturas são empregadas contra tropa a pé deslocando-se pelas VA ou contra posições de tiros nos edifícios e casas. Quando desembarcados, suas viaturas podem acompanhá-los apoiando a progressão com o armamento da viatura ou serem integradas à base de fogos do pelotão. O lançador de granadas previsto no QDM do grupo permite a abertura de passagens em muros e paredes, além de possibilitar o emprego contra viaturas levemente blindadas e não blindadas. A atuação do GE pode ser sobre a mesma via do restante do pelotão, vias paralelas ou vias transversais, as reconhecendo e realizando ligações com tropas vizinhas.

VBTP ou VTL(Pç Ap): a peça de apoio pode, dependendo da unidade, ser dotada com uma VBTP ou uma VTL. Em áreas edificadas, esta fração tem a possibilidade de acompanhar o Pel C Mec pela VA designada, realizando fogos com morteiro a fim de auxiliar os demais grupos, ou ser integrada a uma seção de morteiro médio a comando do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado. Quando integrada ao Pel C Mec, normalmente, desloca-se à retaguarda do pelotão, realizando a sua segurança com a metralhadora presente na viatura, incidindo fogos sobre inimigos na VA ou presentes em construções próximas (BRASIL 3, 2021, p.7-128).

2.3.1.2 O Ataque a uma Área Edificada

O Pel C Mec, neste contexto, pode integrar-se à força de isolamento ou à força de investimento. Na primeira possibilidade, o pelotão participará da missão de bloquear a área, conquistando as regiões de entrada, saída e que permitem apoiar o investimento. Na Segunda alternativa, o pelotão progredirá no interior da área edificada com o objetivo de limpar e conquistar região ou objetivo. Quando o Pel C Mec realizar o ataque a uma área edificada, seus meios serão dispostos em: elemento de assalto, com o combinado Seção VBR e GC; elemento de segurança, com GE executando outras missões durante o assalto; elemento de apoio de fogo, com a Peça de Apoio; e, por fim, o Cmt Pel C Mec, o qual, normalmente, desloca-se à retaguarda do elemento de assalto (BRASIL 3, 2021, p.7-129).

2.3.1.3 Fases do Ataque

Segundo o Manual de Campanha EB70-CI-11.457, 2021, existem 3 fases, as quais serão utilizadas neste estudo para determinar o início de determinadas medidas de coordenação e controle e atitudes a serem realizadas pelos Caçadores, sendo elas:

1ª FASE – Isolamento da Área Edificada: tem a finalidade de isolar a área pela posse de acidentes capitais que dominem as VA. Posições externas à área são ocupadas para fornecer apoio de fogo à entrada e progressão na área edificada. Nesta fase, o Elm Ass do Pel C Mec deve ser empregado externamente à área, cobrindo as avenidas, a fim de apoiar as outras fases e impedir o acesso de reforços inimigos. O GE, outrossim, deve ser empregado nas demais vias visando completar o isolamento.

2ª FASE - Conquista de uma área de apoio na periferia da área edificada: consiste na progressão das forças para a área edificada e a conquista de regiões de apoio na orla anterior desta área, visando dirimir a observação terrestre e os fogos diretos do defensor sobre as vias de acesso. Os prédios e construções da área de apoio servem como cobertas e abrigos e permitem à tropa que ataca aproximar os meios de apoio e reserva. Nesta fase, o Elm Ass ou somente a VBR devem permanecer fora da área, apoiando o assalto à área de apoio com seus canhões. Conforme situação tática, tanto o GE quanto o GC, embarcados ou desembarcados, podem realizar a conquista da área, podendo, também, utilizarem da relativa proteção blindadas das viaturas quando deslocarem em terreno descoberto.

3ª FASE – Progressão no interior da Área Edificada: nesta fase, como o nome sugere, ocorrerá a progressão do pelotão no interior da área (BRASIL 3, 2021, p.7-130).

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Quanto ao nível de profundidade da presente pesquisa, evidencia-se o nível exploratório, visto que a característica mais importante desse tipo de pesquisa é a necessidade de se conhecer um fato ainda pouco conhecido, tornando familiares e compreensíveis os dados extraídos. No caso do presente trabalho, elucidar o emprego e possibilidades do Caçador Militar em Reforço ao Pelotão de Cavalaria Mecanizados no Ataque em Operações em Áreas Edificadas, buscando encontrar conexões destes elementos de forma que suas limitações sejam dirimidas e, por fim, sugerir estas soluções para preenchimento de lacunas doutrinárias.

Quanto ao critério abordagem, esta pesquisa caracterizou-se por ser do tipo qualitativa, visto que a coleta de dados foi realizada por meio de bibliografias de autores de reconhecimento acadêmico, manuais militares nacionais e estrangeiros, artigos científicos e entrevista.

Quanto aos procedimentos utilizados para a coleta de dados, o tipo da pesquisa enquadra-se em bibliográfica e documental, visto que houve a consulta de fontes primárias e secundárias relativas à Cavalaria Mecanizada, ao Caçador Militar e às Operações em Áreas Edificadas. A pesquisa foi complementada pelo estudo de campo, visto que foi realizada uma entrevista como instrumento de coleta de dados, a qual foi direcionada ao Capitão Zanardi, Caçador Militar, da turma de 2015 da Academia Militar das Agulhas Negras, o qual possui diversos cursos/estágios relacionados a tiro e armamento, tendo também experiência como instrutor do Estágio de Caçador Militar e da Seção de Tiro da AMAN.

3.2 MÉTODO DA PESQUISA

A metodologia utilizada neste trabalho é o hipotético-dedutivo, visto que as conjecturas encontradas devem ser submetidas a testes e execuções para verificar a adequabilidade e correto emprego. Dito isto e observando sob a óptica deste estudo, esta metodologia justifica-se no fato de não existir doutrina específica sobre as possibilidades do emprego de Caçadores em reforço ao Pelotão de Cavalaria Mecanizado no Ataque em Operações em Áreas Edificadas.

3.3 ETAPAS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi elaborada da seguinte maneira:

Em um primeiro instante, com a observação da formação de cadetes como Caçadores Militares e dos exercícios militares desenvolvidos pelo Curso de Cavalaria da Academia Militar das Agulhas Negras, constatou-se a necessidade da utilização de Caçadores em apoio a estas tropas nas atividades no terreno do Curso. Além disso, a relativa ausência de orientações específicas e possibilidades do apoio de Caçadores ao Pel C Mec no Manual EB70-CI-11.457 - Pelotão de Cavalaria Mecanizado, tornou relevante a pesquisa sobre algumas capacidades ainda pouco exploradas dos Caçadores neste contexto, dando origem ao trabalho. Em um segundo momento, iniciou-se uma revisão da literatura já existente sobre Caçadores, Pelotão de Cavalaria Mecanizado e Operações em Áreas Edificadas, a fim de correlacionar as informações obtidas e constatar quais possibilidades estariam em ausência nos manuais, principalmente aquelas em que o Comandante do Pel C Mec reforçado deveria ter em mente para fins de coordenação, controle e integração com a Seção de Caçadores.

A revisão da literatura deu-se primordialmente com o Tópico Caçadores, onde foram abordados os seguintes assuntos: Caçador no Regimento de Cavalaria Mecanizado, o emprego do Caçador, Caçador no combate em localidade e armamento do Caçador. Nesta parte, objetivou-se analisar as bibliografias, manuais nacionais e alguns artigos estrangeiros, a fim de explicar, em um primeiro momento, o assunto para o leitor deste trabalho e, posteriormente, identificar lacunas doutrinárias de interesse.

Após isto, foi analisado o Tópico Pelotão de Cavalaria Mecanizado, onde foram abordadas suas características, possibilidades, limitações e organização, tendo como fontes de consultas os três volumes do manual EB70-CI-11.457 - Pelotão de Cavalaria Mecanizado. Nesta análise, visou-se, além de situar o leitor sobre o tema, identificar os pontos fortes e fracos do pelotão, a fim de deduzir quais são os pontos de inflexão que o Caçador mais poderia contribuir com sua atuação e, assim, dirimir as fraquezas da tropa reforçada.

Posteriormente, abordou-se o Tópico Operações em Áreas Edificadas, tendo o foco no Subtópico “O Pelotão de Cavalaria Mecanizada no Ataque a uma Área Edificada”, o qual foi dividido em três partes, sendo elas: o emprego das viaturas blindadas do Pel C Mec, o Ataque a uma Área Edificada e, por fim, fases do Ataque. Neste tópico, objetivou-se descrever, de forma resumida, o emprego de um Pel C Mec no Ataque a uma Área Edificada, outrossim, citar as maiores dificuldades e características deste ambiente. Além disso, buscou-se descrever também as fases de um Ataque, a fim de servir como base para algumas

coordenações e controle dos resultados apontados neste trabalho.

Ao final do trabalho, especialmente no Capítulo Resultados e Discussões, tendo já sido selecionadas as especificidades que o Caçador mais acrescentaria ao Pel C Mec e ao planejamento do seu comandante, buscou-se revisar bibliografias, autobiografias, manuais e relatos oficiais, tanto nacionais quanto estrangeiros, a fim de dar suporte e base para a consolidação das ideias. Outrossim, foi elaborada uma entrevista, a qual encontra-se no Apêndice A, com o Capitão Zanardi da Academia Militar das Agulhas Negras, o qual possui experiência como instrutor do Estágio de Caçador Militar, visando levantar novos questionamentos e corroborar com os resultados obtidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo dedica-se à apresentação dos resultados obtidos, sua análise e a discussão em torno do objeto formal de estudo: compreender quais as possibilidades mais importantes do sistema Caçador quando em Reforço ao Pelotão de Cavalaria Mecanizado, visando melhor aproveitamento deste pelotão e uma diminuição das suas limitações quando realizando um Ataque em Operações em Áreas Edificadas.

4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1.1 Armamento

Como referenciado anteriormente, sabe-se que o Caçador possui a capacidade de operar armamentos tanto antipessoais quanto antimateriais, contudo, o estudo sobre qual tipo deve-se utilizar deve ser minucioso e constante na operação. Uma das questões levantadas ao longo do trabalho foi: qual armamento seria o mais adequado na situação apresentada?. No contexto estudado, o reforço a um Pel C Mec operando em ambiente urbano, **mostrou-se mais eficiente o uso de ambos, com cada equipe levando um tipo de armamento**, ou seja, que uma das três equipes da Seção de Caçadores conduzisse um armamento antipessoal e as outras duas conduzissem um armamento com calibre maior ou antimaterial, sendo válida também a configuração inversa.

A entrevista, presente no Apêndice A deste estudo, com o Capitão Zanardi, o qual, à época da realização deste trabalho, está no seu quarto ano executando a função de instrutor do Estágio de Caçador Militar e da Seção de Tiro da AMAN, corrobora para a conclusão deste subcapítulo. Os Caçadores, conforme Capitão Zanardi, portando somente o fuzil antipessoal AGLC, não teriam uma capacidade suficiente e plena de apoio, visto que este armamento não é o mais indicado para tiros a longas distâncias em obstáculos e anteparos, os quais são inerentes a áreas edificadas.

Acredito que somente o AGLC não é suficiente, devido ao calibre .308 Win não ser o mais indicado para tiros com obstáculos/anteparos à longas distâncias. O ideal seria um rifle no calibre .338 Lapua Magnum, que possui maior potência e capacidade de penetração, porém mantendo o tamanho total do armamento similar (ZANARDI, 2023).

Ao ser perguntado sobre o que seria mais vantajoso ao Pel C Mec em relação aos tipos

de armamentos que a Seç Cçd conduziria no contexto estudado, o entrevistado respondeu que o ideal seria que a Seção conduzisse no mínimo um fuzil AP ou no mínimo um fuzil com maior capacidade de penetração, a exemplo de fuzis com calibre .338 Lapua Magnum, podendo também, na ausência deste, ser um fuzil AM com calibre .50 BMG.

Como comentei na pergunta anterior, é necessário ter um rifle com capacidade superior ao .308 Win, portanto seria interessante que, na impossibilidade de se utilizar o calibre intermediário .338 Lapua Magnum, as turmas utilizassem uma o .308 Win (AP) e a outra o .50 BMG (AM) (ZANARDI, 2023).

Figura 9 – Comparação de cartuchos



Fonte: DEVIATION (2023)

Segundo Chris McNab, autor de *The Barret Rifle – Sniping and anti-material rifles in the War on Terror*⁸, o uso de um armamento antimaterial nas áreas edificadas do Iraque era ideal, fato que fica claro no trecho a seguir:

Embora o alcance de Barrett possa ser considerado excessivo devido aos intervalos relativamente próximos em uma zona urbana, no Iraque era ideal para vigilância anti-veículo (ou seja, parar homens-bomba transportados por veículos realizando um tiro no bloco do motor), para destruir IEDs a uma distância segura e para atingir alvos humanos atrás de uma cobertura típica, especialmente concreto ou paredes de blocos (MCNAB; SHUMATE; GILLILAND, 2016, p.134, tradução nossa).

⁸ O Fuzil Barret – Atirando e fuzis antimateriais na Guerra ao Terror, em tradução do autor.

Além destas possibilidades, McNab afirma que o uso do armamento antimaterial proporciona uma maior distância de apoio e segurança à tropa aliada, o que, na situação estudada garantiria um avanço mais seguro e eficaz do Pel C Mec nas localidades.

O longo alcance do Barrett permite atacar oponentes distantes, que muitas vezes estão operando em locais que acreditam ser além do alcance do fogo inimigo - até que os projéteis comecem a explodir. O rifle Barrett não apenas estende a distância de vigilância de segurança que pode fornecer para outras tropas, mas também impõe restrições de atrito e movimento ao inimigo, tropas e veículos bem antes de chegarem às armas leves convencionais (MCNAB; SHUMATE; GILLILAND, 2016, p.157, tradução nossa).

Contudo, o uso de rifles antimateriais ou de fuzis de calibres maiores, em determinadas ocasiões, pode não ser o mais ideal, principalmente quando busca-se uma diminuição dos danos colaterais. Além disso, o transporte de munições dos armamentos antipessoais, a exemplo de 7,62 mm e .308 Winchester, é facilitado pelo seu tamanho e peso, os quais são naturalmente menores que os de munições antimateriais ou de munições .338 Lapua Magnum, possibilitando mais disparos e mobilidade para a equipe condutora deste armamento. Dito isto, percebe-se a necessidade da condução dos dois tipos de armamento, antipessoal e fuzil com calibre maior ou antimaterial, por parte das equipes da Seção de Caçadores, visando máximo aproveitamento das capacidades e possibilitando segurança em mais direções e em maior alcance para o Pelotão, fácil identificação da localização inimiga, maior comando e controle em consequência da consciência situacional e maior velocidade das operações, fatores estes que, como já citado, são pontos de inflexão no combate urbano.

4.1.2 Condução de fogos

O Pel C Mec possui em sua composição orgânica dois Canhões 90 mm presentes nas viaturas EE-9 Cascavel da Seção VBR e um Morteiro 81 mm oriundo da Peça de Apoio, estes armamentos permitem muitas vezes a realização de fogos em distância relativamente longas. Em determinados casos, os realizadores dos fogos e os seus respectivos impactos estão distantes de maneira que não se possa visualizar com precisão a zona de impacto, não sendo possível a correção e condução do disparo. Desta limitação surge mais uma possibilidade que o Comandante do Pel C Mec reforçado deve ter em mente: **a condução e correção de fogos do Canhão 90 mm e do Morteiro 81 mm pelos Caçadores.**

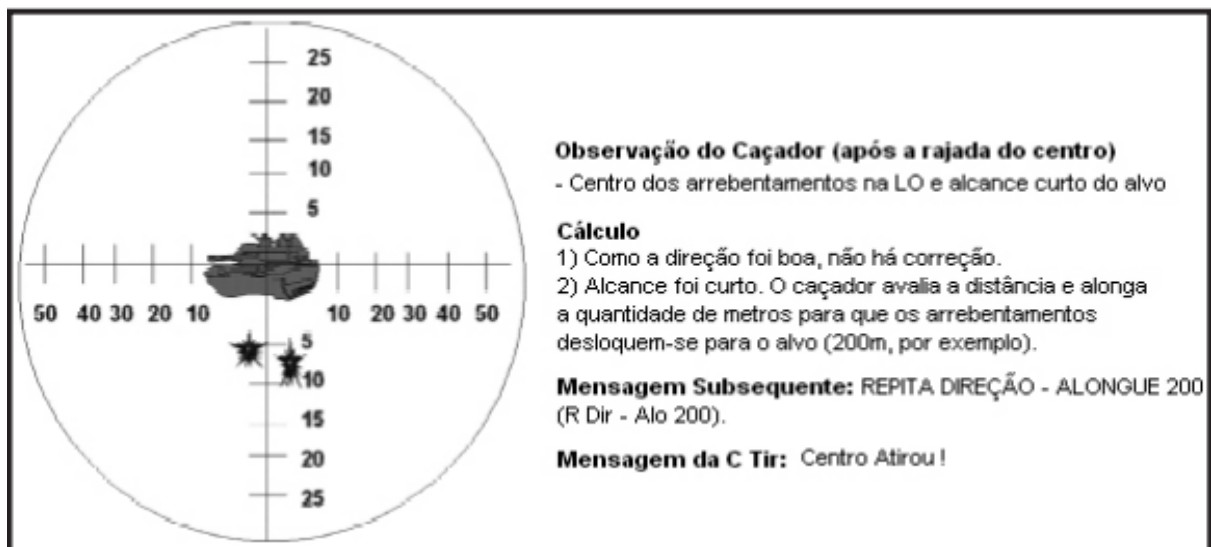
Esta capacidade não é novidade para os Caçadores do Exército Brasileiro, pois é prevista em manual de campanha e possui um capítulo destinado somente a isto, no caso, o

Capítulo XIV- Condução do Tiro Indireto de Artilharia e Morteiro pelo Caçador, do Caderno de Instrução EB70-CI-11.429. Os aparelhos de pontaria e sistemas de observação orgânicos da Seç Cçd, além da posição privilegiada e com comandamento que geralmente ocupam no terreno, permitem aos Caçadores ter uma visão mais ampla do combate, permitindo que conduzam e corrijam os fogos dos canhões e morteiro.

Conforme o Capitão Zanardi, na entrevista presente no Apêndice A, os Caçadores são os elementos mais aptos a realizar esta atividade, contudo, para a máxima funcionalidade desta possibilidade seria necessária uma integração e coordenação prévia entre a Seç Cçd e a tropa reforçada, a fim de padronizar os métodos de designação de alvos em ambiente urbano e os comandos para conduzir e corrigir fogos.

Para a equipe de caçadores contribuir nesses aspectos, seria necessário uma integração prévia, ou no mínimo um briefing explicando o método de designação de alvos urbanos do caçador. Dito isso, creio que esse conhecimento já deveria ser de conhecimento de todas as tropas que conduzem operações urbanas. Tendo esse ponto sido atingido, com certeza o caçador é o elemento mais apto a realizar a condução e correção dos fogos, pois através da sua luneta e mira telescópica ele consegue corrigir com precisão os fogos (ZANARDI, 2023).

Figura 10 – Exemplo de correção de fogos pelo Caçador



Fonte: BRASIL 1(2019)

Um exemplo da utilização desta capacidade está na Batalha de Grozny em 1999, quando a Rússia, visando cercar a cidade, empregou grandes efetivos de Caçadores, os quais, além da função principal, conduziam fogos de artilharia, fato que fica evidenciado a seguir:

Em preparação para o avanço geral em Grozny, as unidades de reconhecimento

deslocaram-se para os arredores da cidade em meados de novembro. No início de dezembro, as forças russas cercaram a cidade. O comando russo garantiu que a força que avançava não fosse surpreendida em sua entrada na cidade e implantou pequenas unidades especiais para reconhecimento urbano. Quatro Companhias Russas de franco-atiradores, duas do Exército e duas do Ministério de Assuntos Internos (MVD), ocuparam discretamente posições na cidade com 50 a 60 atiradores em cada unidade. As equipes de atiradores, apoiadas pelo exército e pelas unidades de forças especiais do MVD, encontraram alvos e, igualmente importante, forneceram informações sobre o tamanho aproximado da área de treinamento Shugart-Gordon no Centro de Treinamento de Prontidão Conjunta, sobre o paradeiro e movimentos das forças chechenas na cidade. Os atiradores serviram como observadores e conduziram fogos de artilharia contra posições rebeldes suspeitas (THOMAS, 2000, p. 2, tradução nossa)

À vista disto, torna-se imprescindível que o comandante do Pel C Mec tenha ciência da capacidade abordada, devendo buscar integração e coordenação dos planejamentos, de forma que consiga empregar a Seção de Caçadores em locais que permitam a observação, condução e correção de fogos dos armamentos de maior calibre orgânicos do pelotão, visando ampliar ainda mais a efetividade dos disparos e expandir as possibilidades do Pel C Mec.

4.1.3 Identificação de IEDs

Uma possibilidade nada explorada ainda na doutrina referente ao Caçador do Exército Brasileiro é a de identificação de Dispositivos Explosivos Improvisados, conhecidos mundialmente como IEDs (Improvised Explosive Devices).

“[...] são quaisquer artefatos “feitos em casa” para fins criminosos específicos e que contêm uma substância química, pirotécnica ou explosiva e é adequado para alcançar o efeito destrutivo desejado. A definição permite, além do uso de produtos puramente caseiros estruturas, o uso parcial de munições complementado por um atuador separado” (DOMJÁN, 2022, p. 1, tradução nossa).

O uso destes dispositivos tornou-se mais comum, principalmente nas guerras travadas especialmente em áreas edificadas. Segundo Clay Wilson, especialista americano em Tecnologia e Segurança Nacional, o uso de IEDs foi responsável por cerca de metade de todas as baixas de combate americanas no Iraque, e cerca de 30% de baixas de combate no Afeganistão, mortos e feridos (WILSON, 2006, p. 2). Estes dispositivos, também conhecidos como bombas de beira de estrada, foram potencialmente usados em vias, as quais canalizavam o movimento das viaturas, impedindo-as de, após o ataque, desbordar de forma rápida e fácil, além da presença de vegetação a fim de auxiliar o atacante na dissimulação, o que fica nítido na afirmação a seguir:

A análise dos locais de ataques terroristas mostra que tais ataques foram, na maioria dos casos, realizados em estradas de terra ou cascalho com paredes próximas circundando vários jardins e plantações. Esse terreno era o mais favorável em termos de preparação de um ataque de IED. Proximidade de arbustos e árvores forneciam excelentes condições para realizar observações e para recuar depois de realizar um ataque (MOTRYCZ, 2017, p. 10, tradução nossa).

Os IEDs, por serem feitos com materiais rotineiros, acabam tornando-se de difícil identificação no terreno, ainda mais quando este tratar-se de vias no interior de áreas edificadas, pois este tipo de ambiente caracteriza-se por possuir uma vasta gama de construções e por haver uma certa poluição visual e sonora, sendo estas decorrentes do excesso de informações bem como da desarmonia do espaço. Esses fatores, alinhados à relativa rapidez das operações e da menor capacidade visual da tropa embarcada em relação a objetos presentes no solo, tornam os IEDs de difícil detecção por parte da tropa mecanizada/blindada, no caso estudado, por parte do Pel C Mec.

Como já mencionado, os Caçadores brasileiros ainda não possuem, por questões doutrinárias, a noção da capacidade de identificar IEDs ou a percepção de procurá-los no campo de batalha. Contudo, relatos diversos sobre a atuação de snipers na identificação de IEDs mostram que esta capacidade deve ter sua devida importância e adestramento constante. Uma demonstração dos conhecimentos sobre detecção e identificação de explosivos improvisados está na batalha de 2008 em Sadr City, Iraque, já mencionada neste estudo, onde os Caçadores tiveram papel fundamental em treinar as companhias de engenharia na detecção destes artefatos, as quais, devido ao treinamento, desempenharam excelentes trabalhos. Um exemplo desta situação está na *Virginia Army National Guard's 237th Engineer Company*⁹, a qual não perdeu um único soldado para artefatos explosivos. Conforme o Sargento Corey Collings, integrante à época desta companhia, os atiradores ensinaram aos engenheiros técnicas de varredura que lhes permitiram identificar os distúrbios sutis em padrões normais que indicavam bombas à beira da estrada, mesmo no lixo onipresente do Iraque (JOHNSON, 2013, p. 34). Além disso, esses engenheiros alegaram que o treinamento que receberam dos atiradores de elite na varredura de anomalias foi de longe a capacidade mais útil que eles tinham para detectar IEDs (JOHNSON, 2013, p. 109).

Outro exemplo desta possível capacidade está no relato abaixo do Sargento Steve Reichert, atirador de elite da Marinha Estadunidense, premiado com a Estrela de Bronze por sua atuação com uma Barrett durante a batalha de Lutayfiyah, Iraque, em 9 de abril de 2004.

⁹ 237ª Companhia de Engenharia da Guarda Nacional do Exército da Virgínia, em tradução do autor.

Da posição de vigilância, o observador notou um animal morto suspeito no meio de uma das estradas da cidade, e uma inspeção mais detalhada pelas lunetas indicou a presença de um IED sob o cadáver. A patrulha da Marinha foi informada da ameaça, então eles assumiram posições de perímetro em um local e distância segura do artefato (MCNAB; SHUMATE; GILLILAND, 2016, p. 165, tradução nossa).

Chris Kyle, falecido veterano *Navy Seals* e considerado pelo Departamento de Defesa americano como o franco-atirador mais letal da história do país, com 160 mortes confirmadas, em sua Autobiografia, deixa clara também a preocupação constante que havia com IEDs.

Um dia estávamos em uma operação perto de Sunset (indicativo para uma avenida) e outra rua, a qual saía em um cruzamento em T. Dauber e eu estávamos no telhado, observando para ver o que os moradores estavam fazendo. Dauber tinha acabado de sair da arma para uma pausa. Quando puxei minha luneta, avistei dois indivíduos descendo a rua em minha direção em uma motocicleta. O civil atrás tinha uma mochila. Enquanto eu observava, ele jogou a mochila em um buraco. Ele não estava entregando a correspondência; ele estava armando um IED. “Vocês têm que assistir a isso,” eu disse a Dauber, que pegou seu binóculos. Deixei-os chegar a cerca de 150 metros de distância antes de disparar minha .300Win Mag. Dauber, observando através dos binóculos, disse que era como uma cena do filme *Debi & Lóide*. O tiro atravessou o primeiro e também atingiu o segundo (KYLE, Chris; DEFELICE, J. , 2012, p. 209, tradução nossa).

Na entrevista presente no Apêndice A, o Capitão Zanardi, instrutor do Estágio de Caçador Militar da AMAN, deixa clara a possibilidade que o Caçador tem de detectar determinados artefatos explosivos, contudo, essa identificação dependeria muito do método utilizado para a implantação do IED e da experiência do atirador, conforme citação a seguir:

Acredito que depende muito do tipo de IED e principalmente do quão escondido/camuflado ele está. Com posições preparadas, onde o IED está enterrado , acredito que não seja possível, mas IEDs que sejam carregados por insurgentes ou estejam no campo cego da tropa, um caçador experiente conseguiria identificar sim (ZANARDI, 2023).

Simultâneo a isto, o entrevistado expõe a importância desta identificação quanto às vantagens agregadas ao Pel C Mec, especialmente quanto aos menores danos físicos, materiais e, principalmente, morais às tropas reforçadas, garantindo uma melhor continuidade das operações, segundo referência a seguir:

Acredito que teriam uma grande importância, tendo em vista que um IED tem a capacidade de parar o movimento por completo do Pel C Mec, e principalmente, mesmo que os danos materiais e físicos sejam poucos, o impacto moral diminuiria a velocidade de avanço da tropa na sequência das ações (ZANARDI, 2023).

Analisando-se estes relatos, conclui-se, assim, que **o Caçador é um elemento**

essencial na identificação de IEDs, dirimindo muito as possibilidades do Pel C Mec, o qual é reforçado, de sofrer baixas, danos às viaturas e diminuição do moral, garantindo, assim, melhor continuidade e segurança das operações. Além disso, destaca-se a importância dos Caçadores Brasileiros em especializarem-se nesta função de identificadores e de uma incessante preocupação no campo de batalha em buscar estes artefatos explosivos, visto que, como já mencionado, não há informação oficial ou instrução específica sobre esta capacidade operativa no Brasil em relação aos atiradores de elite. Simultâneo a isto, mostra-se necessária uma consciência situacional do Comandante do Pel C Mec reforçado sobre esta possibilidade de identificação, a fim de coordenar com a Seção de Caçadores essa busca nas localidades urbanas, visando um reconhecimento anterior à passagem das viaturas sobre as possíveis vias com presença de IEDs.

4.1.4 Embarcado x Desembarcado

Uma das problemáticas deste trabalho está na decisão de qual momento seria uma melhor prática para os Caçadores atuarem embarcados, ocupando diversas posições conforme o pelotão reforçado avança, ou desembarcados, ocupando uma posição de comando e, de certa forma, mais distante. Como já citado, a primeira e segunda fase de um Ataque em Operações em Áreas Edificadas ocorrem na parte externa à localidade e em sua orla anterior, ou seja, nas suas áreas tangentes, fato que deixa nítida a necessidade de Caçadores atuando, de certa forma, distantes e ocupando posições finais de tiro em áreas com comando e desembarcados. Entretanto, a terceira fase de um ataque caracteriza-se por ser realizada totalmente no interior da localidade, momento em que o apoio de fogo e observação do Caçador são reduzidos conforme o Pel C Mec avança para o interior da área edificada, visto a certa limitação imposta pelo alcance do armamento e pela capacidade de observação natural do aparelho de pontaria.

Ao ser questionado se seria mais vantajoso para o Pel C Mec se a Seção de Caçadores estivesse embarcada acompanhando o seu avanço, desembarcando quando necessário e mais próximo ao pelotão reforçado, a fim de dirimir as limitações comentadas, o entrevistado afirmou o seguinte:

Acredito que o caçador seria mais útil desembarcando e ocupando posições de comando sobre as vias que a tropa irá passar, somente assim ele conseguirá apoiar o avanço, identificando ameaças e executando fogos seletivos (ZANARDI, 2023).

Analisando a situação de emprego e o relato do entrevistado, percebe-se que **a melhor prática, quanto ao questionamento abordado, é de que na 1ª e a 2ª Fase de um Ataque a uma área edificada a Seç Cçd deve atuar desembarcada**, ocupando posições externas à localidade e auxiliando o Pel C Mec na tomada de acidentes capitais ao redor da área e a conquista posterior de uma área na periferia. Outrossim, **a melhor prática na 3ª Fase é a atuação da Seç Cçd embarcada**, desembarcando e ocupando posições mais próximas e oportunas ao Pel C Mec, principalmente nas proximidades das vias de passagem, visto que, nesta fase, o avanço do pelotão ao interior da localidade não permite o apoio efetivo dos Caçadores, deixando de agregar possibilidades diversas à tropa reforçada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ter sido acrescentado à doutrina militar brasileira próximo aos anos 2000, pode-se considerar que o Caçador Militar do Exército Brasileiro já possui um certo tempo de adaptação e consolidação relevantes no que diz respeito à experimentação e evolução de seu emprego. Entretanto, apesar de existirem diversos manuais explicando suas características, possibilidades, formas de emprego, técnicas, táticas e procedimentos, percebe-se uma grande ausência de informações sobre o emprego específico do Caçador quando este encontra-se apoiando um Pelotão de Cavalaria Mecanizado, o qual atua em 1º escalão em prol de seu Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, visto que uma Seção de Caçadores, pela doutrina já existente, não apoia diretamente um pelotão. Somado a isso, sabe-se que os combates, pelo natural aumento da urbanização nível mundial, atualmente, são mais travados em áreas edificadas do que em outrora, fato este que corroborou para a elaboração do principal questionamento deste trabalho: quais capacidades e procedimentos do Caçador, quando reforçando um Pelotão de Cavalaria Mecanizado em Operações em Áreas Edificadas, devem ser mais levados em conta?

A informação existente e oficial atualmente no Exército Brasileiro sobre o emprego de Caçadores e uma tropa de Cavalaria está presente no Manual EB70-MC-10.354 - REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO, de 2020, porém, percebe-se que este emprego aparenta estar em processo de consolidação e transição, visto a recente publicação da fundamentação teórica e a recente incorporação dos Caçadores em Organizações Militares de Cavalaria. Como, conforme doutrina atual, a Seção de Caçadores é orgânica de um R C Mec, não há citações ou bibliografias próprias destes elementos atuando no contexto da situação abordada neste trabalho, sendo rasas as informações presentes e não especificando algumas atitudes que estes elementos e um comandante de Pel C Mec deveriam ter em mente, a fim de ampliar as vantagens e dirimir as desvantagens no combate.

Destarte, com a finalidade de sugerir algumas capacidades e melhores práticas, além das já conhecidas, para o Manual EB70-CI-11.457 – PELOTÃO DE CAVALARIA MECANIZADO, surgem, assim, as inferências deste estudo. Como primeira sugestão desta pesquisa, tem-se a capacidade, nada explorada ainda pelos Caçadores Militares brasileiros, de identificar IEDs no combate em localidade. Como mencionado, não há informação relativa a este assunto nos manuais atuais do Exército, porém, analisando-se as bibliografias e, principalmente, relatos oficiais de combates reais no Iraque, destacou-se o uso intensivo desta capacidade operativa dos atiradores de elite, a qual diminuía expressivamente a chance de

baixas pessoais e de veículos das tropas. Dito isto, destaca-se a importância do Caçador brasileiro em agregar esta capacidade ao seu escopo de habilidades, principalmente quando estiver apoiando um Pelotão de Cavalaria Mecanizado avançando ao interior de localidades, buscando preservar a integridade das viaturas e do pessoal.

A segunda sugestão deste trabalho está ligada a qual tipo de armamento a Seção de Caçadores deveria conduzir quando reforçando um Pel C Mec em ambientes urbanos. Observando-se os relatos oficiais de combatentes no Iraque sobre a utilização de Fuzil Antimaterial e as dificuldades naturais levantadas durante um Ataque em Operações em Áreas Edificadas na questão de proporcionar apoio de fogo e observação ao Pel C Mec, constatou-se que uma melhor prática para uma Seção de Caçadores seria a de cada equipe conduzir um equipamento diferente. No caso, uma Seção de Caçadores possui, conforme emprego vigente, 3 equipes formadas por uma dupla Caçador-Observador, à vista disto, deduz-se que o mais vantajoso seria de pelo menos uma das três equipes estar portando armamento antimaterial ou armamento de calibre intermediário, como o .338 Lapua Magnum, ou pelo menos uma das três estar portando armamento antipessoal, visando complementar as capacidades que são naturalmente proporcionadas pelo armamento e aparelhos de pontaria.

A próxima sugestão reside na possibilidade que a Seção de Caçadores possui em observar o terreno de uma forma ampla, permitindo, com isso, a condução e correção de fogos. Os Caçadores do Exército Brasileiro possuem em seu escopo de habilidades a capacidade de conduzir e corrigir fogos de artilharia e morteiro, fato comprovado com a existência de instruções em manuais oficiais voltadas para este assunto. Dito isto, torna-se válido ressaltar que esta capacidade é perfeitamente adaptável às necessidades de um Pel C Mec, no caso, referentes aos disparos de Canhão 90 mm e Morteiro 81 mm, aprimorando ainda mais a efetividades destes fogos.

A posterior inferência surge com o dilema Embarcado x Desembarcado, ou seja, quais seriam os melhores momentos para a Seção de Caçadores ser empregada em cada uma destas duas formas de atuação. Analisando-se as características apresentadas nas três fases do Ataque e atentando-se principalmente à 3ª Fase – Progressão no Interior da Localidade, momento em que, devido ao armamento, aparelho de pontaria e posição escolhida para realizar os disparos, o apoio de fogo e auxílio na observação são reduzidos conforme o Pel C Mec dirige-se ao núcleo da localidade, e observando-se a sugestão explicada pelo entrevistado, destacou-se como melhor prática a atuação da referida seção desembarcada durante a 1ª e 2ª Fases do Ataque e, na 3ª Fase, embarcada.

A quinta e última inferência deste trabalho está na integração e coordenação que estas

capacidades devem ter em relação ao planejamento e execução da missão por parte da Seção de Caçadores e do Comandante do Pelotão de Cavalaria Mecanizado. A identificação de IEDs, o transporte de armamento antipessoal e antimaterial, a condução e correção de disparos dos Canhões 90 mm e Morteiro 81 mm e, por fim, o adequado emprego da Seção de Caçadores em relação à atuação embarcados ou desembarcados, são aptidões que mostram-se extremamente relevantes quando busca-se especificidades que a Seção de Caçadores deve possuir ao apoiar o Pelotão de Cavalaria Mecanizado em um Ataque à área edificada.

Analisando-se as inferências citadas, propõe-se que estas capacidades sejam incluídas em um tópico ou capítulo específico no Manual de Campanha EB70-CI-11.457 - Pelotão de Cavalaria Mecanizado, o qual trata sobre o apoio de fogos de uma Seção de Caçadores a um Pel C Mec, especialmente no contexto estudado, a fim de colaborar futuramente com um melhor desenvolvimento da Doutrina Terrestre. Da mesma forma, com estas informações já inseridas no manual, sugere-se, visando o adestramento e preparo dos Caçadores à situação deste estudo, que sejam acrescentadas instruções próprias dos assuntos abordados ao EB70-PP-11.500 - Programa-Padrão¹⁰ de Instrução do Estágio de Caçador de Corpo de Tropa e ao EB70-PP-11.300 - Programa-Padrão de Instrução da Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional da Turma de Caçadores de Corpo de Tropa, conforme proposta a seguir:

a) Identificação de IEDs: Inserção de tarefas e práticas específicas ao Tópico 9 – Busca e Seleção de Alvos dos programas-padrão citados acima, as quais visem adestrar os Caçadores em detectar e identificar IEDs, dispostos no terreno em diferentes distâncias, situações e com limite de tempo.

b) Armamentos: Inserção de maior tempo estimado ou instruções práticas com armamentos antimateriais ou armamentos de calibre .338 Lapua Magnum ao Tópico 4 – Tiro (Instruções Práticas), simultaneamente, instruções práticas e tarefas com distâncias maiores a 800 metros e com lunetas mais aprimoradas ao Tópico 5 – Avaliação de Distâncias, visando maior familiaridade do Caçador a armamentos e aparelhos de pontaria com capacidades diferentes.

c) Condução e correção de fogos: Inclusão de um tópico próprio relativo a este assunto aos programas-padrão já citados, o qual possua tarefas práticas e teóricas, a fim de familiarizar o Caçador à execução desta capacidade, utilizando-se de simulacros ou granadas fumígenas, com testes com tempo limitado e margens de erro quanto à correta condução de

¹⁰ Programas-Padrão são documentos do Exército Brasileiro que visam regular as instruções e definir objetivos, os quais permitem padronizar o treinamento necessário à qualificação de determinados militares (BRASIL 7, 2021).

fogos. Da mesma forma, padronizar procedimentos quanto aos comandos de condução e correção relativos a cada armamento, a exemplo dos fogos do Canhão 90mm e do Morteiro 81mm em localidades.

d) Embarcado x Desembarcado: Acréscimo de instruções teóricas ao Tópico 6 – Emprego Tático do Caçador, visando expor TTPs próprias do Caçador nas diversas operações, essencialmente à questão deste trabalho, ou seja, o momento adequado da Seção de Cçd atuar embarcada ou desembarcada no Ataque em Operações em Áreas Edificadas. Outrossim, inclusão de tarefas e tempo estimado relativos à prática de tiro embarcado com armamentos antimateriais e antipessoais em viaturas blindadas ao Tópico 4 – Tiro (Instruções Práticas), visando o adestramento do Caçador em relação ao emprego embarcado, o qual dar-se-ia na 3ª Fase do Ataque, conforme já mencionado. Por fim, inserção de tempo estimado e tarefas ao Tópico 13 – O Caçador em Ambiente Urbano, as quais sejam destinadas à prática e à teoria sobre o emprego dos Caçadores embarcados e desembarcados nos combates em localidades.

Por fim, conforme o método escolhido, hipotético-dedutivo, torna-se válido ressaltar que estas inferências devem ser testadas e reexaminadas, com a finalidade de eliminar os erros e tornar os conhecimentos cada vez mais fundamentados. Simultâneo a isto, recomenda-se que estas sejam rodeadas por constantes preocupações em relação ao adestramento, preparo, planejamento e execução, visando a complementariedade das possibilidades dos Caçadores e do Pel C Mec e o aumento da efetividade de ambos os empregos.

REFERÊNCIAS

- A. LORD, Francis. **Civil War Collector's Encyclopedia**. Nova Iorque: Castle Books, 1965. v. 1
- ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Curso de Cavalaria. **CI 2-36/1: O PELOTÃO DE CAVALARIA MECANIZADO..** Resende, RJ: AMAN, 2006.
- ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **Livro de iniciação à pesquisa científica**. Resende: Editora Acadêmica, 2019.
- BARRET. **Model 82A1®**. Disponível em: <<https://barrett.net/products/firearms/model-82a1/>>. Acesso em: 16 de fevereiro 2023.
- BATALHA DE GETTYSBURG. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Gettysburg>. Acesso em: 24 julho 2022.
- BRASIL 1. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70-CI-11.429: Caçador de Corpo de Tropa**. Brasília: EGGCF, 2019
- BRASIL 2. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.354: Regimento de Cavalaria Mecanizado**. 3. ed. Brasília: EGGCF, 2020.
- BRASIL 3. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70-CI-11.457: Pelotão de Cavalaria Mecanizado**. Brasília: EGGCF, 2021.
- BRASIL 4. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.223: Operações**. 5. ed. Brasília: EGGCF, 2017.
- BRASIL 5. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.303: Operação em Área Edificada**. Brasília: EGGCF, 2018.
- BRASIL 6. Exército. **IP 21-2: O Caçador**. Brasília, DF, 1998.
- BRASIL 7. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70-PP-11.300: Programa-Padrão de Instrução da Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional da Turma de Caçadores de Corpo de Tropa**. Edição experimental. Brasília: COTER, 2021.
- BRASIL 8. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70-PP-11.500: Programa-Padrão de Instrução do Estágio de Caçador de Corpo de Tropa**. Edição experimental. Brasília: COTER, 2021.
- CARVALHO, João. **O Sniper nas Operações de Reconhecimento**. 2009. 70f. Trabalho de Investigação Aplicada (Licenciatura em Ciências Militares) – Academia Militar, Lamego, PT 2009.
- DEAROLPH, J. E. **Enemy Inside The Gates: Snipers In Support Of Military Operations In Urbanized Terrain**. 2002. 52f. Monografia (Master of Military Art and Science) - US Army Command and General Staff College, Fort Leavenworth, KS, 2002.

DEGUES, Felipe Soares. **O Emprego de Caçadores nas Operações de Reconhecimento de Localidade do Pelotão de Cavalaria Mecanizado**. 2022. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Militares) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, RJ, 2022.

DEVIATION, Standard. **Standard Deviation Display Bullets**. Disponível em: <<https://www.deviation.co.nz/bullets/>>. Acesso em: 21 de maio 2023.

DOMJÁN, András. **The “Evolution” of Improvised Explosive Devices (IED) in the Light of Technical Development**. 2022.13f. Monografia (Diário Técnico Militar) - Universidade Nacional do Serviço Público, Ludovika, Budapeste, 2022.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. DEPARTEMENT OF THE ARMY. HEADQUARTERS. **Field Manual 3-06: Urban Operations**. Washington DC: Department of the Army, 2003.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. DEPARTEMENT OF THE ARMY. HEADQUARTERS. **Field Manual 23-10: Sniper Training**. Washington DC: U.S. Government Printing Office, 1994.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. DEPARTEMENT OF THE ARMY. HEADQUARTERS. **Training Circular 2-91.4: Intelligence Support to Urban Operations**. Washington DC: U.S. Department of the Army, 2015.

FERREIRA, Guilherme Guimarães. **Caderno de Instrução: Técnica de Tiro do Caçador**. Resende, RJ: AMAN, 2003.

GONDIM, Henrique Augusto Schneider; CERQUEIRA, Rodrigo Andrade. **A história do emprego do caçador**. 2020. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais Médicos) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2020.

GRIFFITH, Paddy. **Battle tactics of the Civil War**. New Haven Conn.: Yale University Press, 2001.

INDÚSTRIA DE MATERIAL BÉLICO DO BRASIL. **Fuzil .308 - IMBEL AGLC: Manual do Usuário**. Itajubá, MG: IMBEL, 1994.

JOHNSON, D. E.; M. WADE MARKEL; SHANNON, B. **The 2008 Battle of Sadr City**. Washington DC: Rand Corporation, 2013.

KYLE, Chris; DEFELICE, J. **American Sniper: The Autobiography of the Most Lethal Sniper in U.S. Military History**. [s.l.] William Morrow, 2012.

LAWRENCE, Kirk. **Developing leaders in a VUCA environment**. 2013. 15f. Monografia - University of North Carolina Kenan-Flager, Chapel Hill, North Carolina, 2013. Disponível em: <<https://www.emergingrnleader.com/wp-content/uploads/2013/02/developing-leaders-in-a-vuca-environment.pdf>>. Acesso em 14 de fevereiro 2023.

LIMA, Gabriel Dondeo. **O Emprego do Caçador na Ação Retardadora realizada por um Regimento de Cavalaria Mecanizado**. 2021. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

MCNAB, C.; SHUMATE, J.; GILLILAND, A. **The Barrett Rifle** : Sniping and anti-materiel rifles in the War on Terror. London: Osprey Publishing, 2016.

MENDES, Arthur Rafael Feliciano. **A necessidade da criação da Escola de Caçadores do Exército Brasileiro**. 2020. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Militares) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, RJ, 2020.

MOTRYCZ, Grzegorz. **Cases of Using Improvised Explosive Devices**. 2017. Monografia - Universidade WSB, Varsóvia, Polônia, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323387941_CASES_OF_USING_IMPROVISED_EXPLOSIVE_DEVICES>. Acesso em: 04 de abril 2023.

PEGLER, Martin. **Out Of Nowhere**: a history of the military sniper. Oxford: Osprey Publishing, 2004.

SNIPER. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Sniper>>. Acesso em: 25 de julho 2022.

THOMAS, Timothy. **Grozny 2000**: Urban Combat Lessons Learned. 2000. Monografia - Foreign Military Studies Office, Fort Leavenworth, KS, 2000.

VIEZZER, Vitor Chemim. **A atuação de caçadores no combinado CC/Fuzileiro em ambientes urbanos**. 2020. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Militares) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, RJ, 2020.

WE ARE THE MIGHTY. **Almost every rifle recovered at Gettysburg was fully loaded and no one knows why**. Disponível em: <<https://www.wearethemighty.com/articles/almost-every-rifle-recovered-at-gettysburg-was-fully-loaded-and-no-one-knows-why/>>. Acesso em: 24 de julho 2022.

WILSON, Clay. **Improvised Explosive Devices (IEDs) in Iraq and Afghanistan: Effects and Countermeasures**. 2006. Monografia - American Military University, Charles Town, EUA, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/235079572_Improvised_Explosive_Devices_IEDs_in_Iraq_and_Afghanistan_Effects_and_Countermeasures> . Acesso: em 05 de abril 2023.

APÊNDICE A – ENTREVISTA

Esta entrevista foi criada no âmbito da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso que tem como tema “O EMPREGO DE CAÇADORES EM REFORÇO AO PELOTÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NO ATAQUE EM OPERAÇÕES EM ÁREAS EDIFICADAS”. Este documento é direcionado ao **Capitão Daniel Zanardi** de Souza, da turma de 2015 da Academia Militar das Agulhas Negras, possuidor dos seguintes cursos/estágios: Caçador Militar, Preparação do Instrutor de Tiro de Armamento Portátil, Instrutor de Tiro com Arma Curta, Instrutor de Armamento e Tiro, Instrutor de Tiro com Armamento Leve. Além disso, o Capitão Zanardi possui experiência de aproximadamente 4 anos como instrutor do Estágio de Caçador Militar e da Seção de Tiro da AMAN.

1. Da experiência do senhor, o emprego do Caçador em Área Edificada, visando um apoio a tropas mecanizadas, é válido?

Com certeza, é muito válido.

2. Se afirmativo, de quais formas?

O caçador pode atuar observando os compartimentos à frente, identificando possíveis locais onde o inimigo poderia ocupar as construções e atingir a tropa. Também pode, por meio da sua luneta de observação, identificar alvos que estejam disfarçados no meio da população civil.

3. O senhor acredita que a Identificação de IEDs por parte dos Caçadores é plenamente possível?

Acredito que depende muito do tipo de IED e principalmente do quão escondido/camuflado ele está. Com posições preparadas, onde o IED está enterrado acredito que não seja possível, mas IEDs que sejam carregados por insurgentes ou estejam no campo cego da tropa, um caçador experiente conseguiria identificar sim.

4. Se sim, da experiência do senhor, a identificação de IEDs é um assunto abordado e praticado nos Estágios de Caçador Militar?

A identificação de IEDs não é abordada diretamente nos Estágios, porém acredito que os conhecimentos da instrução de Busca e Seleção de Alvos sejam apropriados para esse fim, ao ensinar o caçador a vasculhar o terreno atrás de não somente inimigos, mas indícios de tropas.

5. O senhor acredita que os Caçadores na detecção e identificação de IEDs teriam importância significativa para o Pel C Mec reforçado?

Acredito que teriam uma grande importância, tendo em vista que um IED tem a capacidade de parar o movimento por completo do Pel C Mec, e principalmente, mesmo que os danos materiais e físicos sejam poucos, o impacto moral diminuiria a velocidade de avanço da tropa na sequência das ações.

6. Da experiência do senhor, os Caçadores seriam aptos e contribuiriam positivamente ao Pel C Mec na questão de conduzir e corrigir os fogos do Morteiro 81 mm e do canhão 90 mm da viatura EE-9 Cascavel do pelotão quando operando em áreas edificadas?

Para a equipe de caçadores contribuir nesses aspectos, seria necessário uma integração prévia, ou no mínimo um briefing explicando o método de designação de alvos urbanos do caçador. Dito isso, creio que esse conhecimento já deveria ser de conhecimento de todas as

tropas que conduzem operações urbanas. Tendo esse ponto sido atingido, com certeza o caçador é o elemento mais apto à realizar a condução e correção dos fogos, pois através da sua luneta e mira telescópica ele consegue corrigir com precisão os fogos.

7. A possibilidade de conduzir e corrigir fogos é um assunto plenamente abordado e praticado nos Estágios de Caçador Militar?

Sim, existe uma instrução específica de condução e correção de fogos, bem como na instrução de combate urbano é ensinada a designação de alvos nesse ambiente.

8. O senhor acredita que o armamento antipessoal do Caçador, no caso, o fuzil AGLC com alcance útil de 800 m, seria efetivo o suficiente ao apoiar um Pelotão de Cavalaria Mecanizado no interior de localidade?

Acredito que somente o AGLC não é suficiente, devido ao calibre .308 Win não ser o mais indicado para tiros com obstáculos/anteparos à longas distâncias. O ideal seria um rifle no calibre .338 Lapua Magnum, que possui maior potência e capacidade de penetração, porém mantendo o tamanho total do armamento similar.

9. Da experiência do senhor, tornaria-se mais vantajoso ao Pel C Mec que a Seção de Caçadores conduzisse somente armamento AP, armamento AM ou um misto dos dois, com cada turma operando um tipo?

Como comentei na pergunta anterior, é necessário ter um rifle com capacidade superior ao .308 Win, portanto seria interessante que na impossibilidade de se utilizar o calibre intermediário .338 Lapua Magnum, que as turmas utilizassem uma o .308 Win (AP) e a outra o .50 BMG (AM).

10. O senhor acredita que, a partir de um determinado momento do Ataque em Operação em Área Edificada, os Caçadores seriam mais úteis ao serem empregados em geral embarcados, desembarcando e ocupando posições de comando oportunas mais próximas ao Pel C Mec reforçado?

Acredito que o caçador seria mais útil desembarcando e ocupando posições de comando sobre as vias que a tropa irá passar, somente assim ele conseguirá apoiar o avanço, identificando ameaças e executando fogos seletivos.